

CAMPANIFORME NO NORTE DE PORTUGAL. PERSPECTIVAS INTERPRETATIVAS INSTIGADAS PELA LEITURA DE DADOS RECENTES

Maria de Jesus Sanches

FLUP / CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»
msanches@letras.up.pt

Maria Helena Barbosa

FCT / CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»
mariahelena.lo.barbosa@gmail.com

ABSTRACT

This paper focuses on the contexts with bell-beaker ceramics of the North of Portugal / Douro basin and compares them with neighboring regions, particularly with Galicia, covering the end the whole Northwest of the Iberian Peninsula. After presenting a brief historiography of the studies in this region, it critically approaches the set of archaeological sites, emphasizing those with absolute dates and well preserved stratigraphies. Among them, it stands out the Crasto de Palheiros monumental enclosure because its bell-beaker ceramics have never been completely published and it is the archaeological site in northern Portugal that has yielded the largest number of sherds and vessels. Also, the quality of information obtained in the excavation allows to relate the campaniform contexts with the biography of the site. The paper also outlines the synthesis of this region, in relation to neighboring Galicia. In the discussion, it concludes the long duration of use of bell-beaker ceramics (from 2800/2700 to 1900/1800 BC) and, insofar as it also develops formal and decorative stylistics, raises interpretative hypotheses concerning the plurality of social functions that, in this long chronology, classical bell-beaker ceramics and local styles would have played in each local or regional context.

Keywords: Northwest of Iberian Peninsula; Crasto de Palheiros bell-beaker; local and regional ceramic stylistics.

RESUMO

Este texto incide nos contextos com campaniforme do norte de Portugal/ bacia do Douro e compara-os com regiões vizinhas, particularmente com a Galiza, pelo que, em suma, versa sobre todo o noroeste da Península Ibérica. Após expor uma curta historiografia dos estudos nesta região, aborda criticamente o conjunto de sítios, dando ênfase aos que tem datas absolutas e estratigrafias bem conservadas. De entre estes destacou o Recinto Monumental Crasto de Palheiros quer devido ao facto de o conjunto das suas cerâmicas nunca ter sido publicado na sua totalidade, quer porque é esta a estação do norte de Portugal que revela tanto o maior número de fragmentos como de recipientes, como ainda pela qualidade de informação obtida na escavação a qual permite relacionar os contextos campaniformes com a biografia do sítio arqueológico. Traça ainda o quadro de síntese sobre esta região, em conexão com a vizinha Galiza. Na discussão conclui pela longa duração de uso de cerâmicas campaniformes (c. de 2800/2700 a 1900/1800 AC) e, na medida em que desenvolve também a estilística formal e decorativa dos recipientes, levanta hipóteses interpretativas relativas à pluralidade de funções sociais que, nesta longa cronologia, a cerâmica campaniforme clássica e os estilos locais teriam cumprido em cada contexto local ou regional.

Palavras-chave: Noroeste da Península Ibérica; Crasto de Palheiros; Campaniforme; Estilísticas locais e regionais.

1. PREÂMBULO: ALGUMAS QUESTÕES PRÉVIAS E OBJECTIVOS DESTE TEXTO

1.1.

Se em finais da década de 1970 eram escassos os sítios do norte de Portugal com cerâmica campaniforme, hoje conhecem-se ali cerca de meia centena. Norte de Portugal e Galiza, que formam o noroeste peninsular, deixaram de ter um papel marginal e, à medida que se desenvolvem mais projectos de investigação, aumenta também a dispersão de sítios arqueológicos com cerâmicas campaniformes. Mesmo assim, e a despeito da publicação de um assinalável conjunto de sítios, já em 1986 por Susana Jorge (Jorge, S.O., 1986:1b) e de outros trabalhos particulares ou de síntese posteriores (Barbosa, S. 1999; Bettencourt, A., 2011), continua o norte de Portugal/bacia do Douro a estar à margem da maioria das sínteses peninsulares no que ao campaniforme marítimo, geométrico ou de tipo Ciempozuelos diz respeito, situação que pretendemos reverter em nome da justeza dos registos e do estudo das comunidades da Pré-história recente desta região.

Na historiografia arqueológica o norte de Portugal/bacia do Douro (bem como todo o noroeste peninsular) foi longamente assumido (até meados dos anos de 1980) como um espaço de contactos entre centros culturais autónomos, bem definidos e dinâmicos durante a Pré-história Recente, tratando-se, portanto, de uma região que carecia de identidade cultural própria. Harrison, no seu influente trabalho na década de 1970, considera que a importância da região (norte de Portugal e Galiza) reside na sua posição estratégica entre a Bretanha e o estuário do Tejo (Harrison, R., 1977:52), duas regiões muito distintas e bem marcadas do ponto de vista cultural, nomeadamente naquilo que se refere à manifestação do fenómeno campaniforme. Porém, o incremento de trabalhos arqueológicos nas décadas que se seguiram (1980 e 1990) permitiram construir uma outra narrativa de tendência processualista, na qual se reconhece uma identidade cultural muito particular nesta região (Jorge, S.O., 1986), seguindo percursos internos originais sem deixar de destacar o seu peculiar dinamismo em diversos campos de análise.

Os estudos sobre o campaniforme regional beneficiaram do desenvolvimento generalizado que se verificou na investigação, com a realização de escavações arqueológicas segundo metodologias actualizadas a par de datações absolutas e de do estudo abrangente dos materiais arqueológicos dos sítios intervencionados. As descobertas, porém, continuam a ser escassas, o que pode ser explicado por diferentes factores, como veremos. Todavia, problemáticas relativas à transformação dos estilos cerâmicos “domésticos” e sua relação com os processos de formação e consolidação das lideranças e, a outra escala, das identidades locais e regionais no 3º mil. e 2º mil. AC – que se manifesta na elevada standardização de artefactos, em particular nas estilísticas cerâmicas e sua ampla reprodução ou mesmo circulação – têm sido amplamente abordadas nas últimas décadas (Jorge, S.O., 1986; Sanches, M.J., 1997; Valera, A.C., 2007; Rebuge, J., 2004; Bettencourt, A., 2011; Guerra Doce, E. & Lettow-Vorbeck, C.L., 2016; Bueno-Ramírez, P. et alii 2017).

Tendo em conta a diversidade de combinações de materiais arqueológicos onde se juntam (ou não se juntam de todo), os diferentes elementos do designado “pacote campaniforme”, registando-se afinal uma frequente “desassociação” entre as cerâmicas, apesar de tudo mais frequentes, e as armas metálicas / adornos, tem-se verificado um gradual abandono dos discursos interpretativos mais clássicos e discretos, mormente aqueles que, baseados nas propostas interpretativas de Clarke (Clarke, D., 1976) assumiam cerâmicas campaniformes e outros objectos raros como itens de prestígio, de fabrico especializado, e destinados a consolidar lideranças regionais através de “referentes” simbólicos extra-regionais. A ênfase tende a assentar hoje: (i) nos diferentes papéis que as cerâmicas, campaniformes ou outras, (e as armas) desempenharam, a par de outros

materiais de excepção, nas estratégias e performances sociais entre indivíduos e entre comunidades (Jorge, S.O., 1986; Guerra Doce, E. & Lettow-Vorbeck, C.L., 2016; Sanches, M.J., 1997); (ii) sendo aqui de destacar que cada vez mais se procura discernir em que grau os artefactos e, por extensão, as cerâmicas campaniformes, se articulam ou são constitutivas de contextos materiais/acções públicas e cerimonializadas, onde o lugar de realização faria corpo com os artefactos em si, como seria o caso dos diferentes espaços dentro dos povoados ou recintos, os espaços (dentro ou fora) dos monumentos megalíticos, por ex. (Bettencourt, A., 2011; Sanches, M.J., Barbosa, M.H. & Vieira, A., 2017; Valera, A.C., 2017; Sanches, M.J. & Barbosa, M.H., 2018, no prelo); (iii) na contextualização cronológica e cultural de escala local e regional – onde as coisas acontecem de forma imediatamente apreensível pelos grupos humanos e onde estratégias de resposta rápida seriam apreensíveis, e só posteriormente na extra-regional (particularmente no contexto peninsular) (Bettencourt, A., 2011; Sanches, M.J., Barbosa, M.H. & Vieira, A., 2017; Valera, A.C., 2017). Enquadrados em novas abordagens teóricas (apesar de tudo bastante diferentes entre si), alguns desses estudos contemplam análises arqueométricas que, associadas aos restantes dados, permitem repensar, nomeadamente, os múltiplos processos de circulação e adopção de novas estilísticas cerâmicas, a sua integração nas tradições locais, os processos de manufactura e obtenção de matérias-primas e, naturalmente, a sua manipulação no seio de diferentes contextos e práticas sociais (Prieto-Martínez, M. P. *et alii* 2015).

A grande transformação que se operou nos discursos interpretativos prende-se também com vários factores, a que não são estranhas as motivações ou enquadramentos políticos (estes mais ou menos conscientes), com defensores de europeísmos ou movimentos de pessoas e bens a longa distância, por um lado, e autoctonismos, por outro; com a visibilidade, ineludível no registo arqueológico, de hierarquias sociais despoletadas na segunda metade do 3º mil. AC em amplas regiões europeias e peninsulares (como se de uma onda se tratasse), para uns, e a multiplicidade de situações regionais, assimétricas e singulares, para outros.

Ainda que análises ao genoma de esqueletos prossigam, e bem, na senda da identificação e explicação da origem e movimentação de grupos (migrações de escala diversa) em toda a Europa pré-histórica pós paleolítica, incluindo o norte de África (Szécsényi-Nagy, A. *et alii*, 2017; Olalde, I. *et alii*, 2018), e em particular aqueles associados a contextos campaniformes, a maioria dos estudos de arqueologia, ao debruçar-se sobre o tema, discute e enfatiza o papel activo que as comunidades autóctones tiveram na adopção da cerâmica campaniforme. Admitindo o protagonismo que as relações e trocas de média e longa distância tiveram neste processo (nas quais se aceita a circulação de produtores de cerâmica, como mulheres, através de complexos sistemas de trocas matrimoniais), a ideia de que os recipientes campaniformes terão sido produzidos localmente, integrados nas tradições estilísticas e tecnológicas locais, começa a ganhar força, ideia confirmada pelos estudos realizados em vários locais da Península Ibérica, de que damos o exemplo da Galiza (Prieto-Martínez. M.P. *et alii*, 2015) e de dois sítios arqueológicos do território que estamos a analisar: Pastoria e Fraga da Pena (Jorge, S.O., 1986; Valera, A.C., 2007). O que estes estudos mostraram é que num dominante número de casos as pastas cerâmicas e a tecnologia de fabrico são essencialmente locais ou regionais (Dias, M.I. *et alii*; Garrido Pena, R., 2006; Prieto-Martínez, M.P. *et alii*, 2015; Salanova, L. *et alii.*, 2015), embora a “abrangência” regional, isto é, a dimensão geográfica do que é considerado “região”, e o modo como esta é definida, varie muito com os autores. Por isso, muitas vezes se enfatiza a distância quilométrica às fontes de matéria-prima (Prieto

-Martínez, M.P. *et alii*, 2015)¹. A variabilidade estilística, particularmente ao nível das decorações, parece ser mais estável, uma vez que estamos perante cerâmicas extremamente estandardizadas. Ainda assim reconheceram-se algumas inovações de grande originalidade.

Embora estejamos a escrever este texto num momento em que se acaba de publicar um alargado estudo de genoma (em 400 esqueletos, dos quais 226 associados ao complexo campaniforme do centro e oeste da Europa), e cujos resultados, como bem fazem notar os autores, não contraria a multiplicidade de modos de “difusão cultural” a par da movimentação e instalação de grupos ou pessoas (Olalde, I. *et alii*, 2018)², os mesmos fazem questão de assinalar, frisamos, que não há proximidade genética entre os grupos calcolíticos peninsulares e os do centro da Europa; pelo contrário, e sem descurar “viajantes” ou deslocação/migração de grupos muito limitados, os conjuntos calcolíticos peninsulares seriam predominantemente homogéneos, terão tido origem na população do Neolítico da Península Ibérica, tal como estudos anteriores indicavam também (Szécsényi-Nagy, A. *et alii*, 2017:80).

Apesar de uma ausência generalizada de datações absolutas de contextos e muito poucas datações por estratigrafia, é possível identificar diferentes propostas interpretativas relativamente à temporalidade da expressão material do campaniforme no norte de Portugal, que se posicionam essencialmente entre aquelas que defendem uma cronologia longa e as que propõem uma cronologia curta: (i) Susana Jorge considera não ser possível estabelecer uma diacronia interna do campaniforme baseada na sua evolução estilística, mas admite que este seja um fenómeno de curta duração adentro do 3º mil. AC (Jorge, S.O., 2002a); (ii) Domingos Cruz e António Valera propõem uma cronologia entre a segunda metade do 3º mil. AC e o início do 2º mil. AC (Cruz, D., 1997; 2001; Valera, A.C., 2007), mas o último autor, em trabalho recente (Valera, A.C., 2017: 224) admite que se desconhece a antiguidade do campaniforme na Beira Alta dada a ausência de datações daqueles nos monumentos megalíticos e de estudos de associações de materiais, deixando assim a hipótese aberta para uma cronologia mais antiga, cujo limite apontaria para os meados do 3º mil. AC; (iii) Ana Bettencourt defende a utilização das cerâmicas campaniformes desde o início/ segundo quartel, ao terceiro quartel do 3º mil. AC, altura em que deixariam de ser usadas, aparecendo a partir daí em contextos funerários ou deposicionais, somente metais e outras formas cerâmicas diferentes daquelas (Bettencourt, A., 2011); (iv) tal como fora proposto para a Galiza (Prieto-Martínez, M.P., 2013) e para a Estremadura / Alentejo (Cardoso, J.L., 2014), as autoras deste texto têm vindo a propor a utilização da cerâmica campaniforme na bacia do Baixo Douro entre o segundo quartel do 3º mil. AC e o início do 2º mil. AC, assumindo-o então como uma manifestação arqueográfica longa no tempo, plurifacetada na sua interpretação, que terá perdurado cerca de oito séculos (Sanches, M.J., & Barbosa, M.H., 2018, no prelo). Deste modo, e como diversos autores têm defendido, não falaremos de contextos campaniformes, mas de contextos com campaniforme.

1.2

Na realidade, as datas absolutas, estratigrafias / modos de estratificação e associações contextuais, sendo sobretudo matéria de interpretação em arqueologia, ganham no caso do campaniforme um teor muito peculiar pela ausência generalizada de contextos bem conservados e/ou bem datados, tanto na bacia do Douro/ norte de Portugal, como na Galiza. Nessa medida temos vindo a analisar e publicar a documentação disponível para a bacia do Douro (Sanches, M.J., & Barbosa, M.H., & Vieira, A., 2017; Sanches, M.J., & Barbosa, M.H., 2018, no prelo), dando destaque às si-

¹ Dois exemplos: Pilar Prieto-Martínez (Prieto-Martínez, M.P. *et alii* 2015: 119) considera as distâncias até aprox. 90 minutos a pé (ou até c. de 4 Km) como locais, e aquelas a c. 50 Km como regionais; Inácio e colaboradores (Inácio, N. *et alii* 2017: 294) assume que uma busca de argilas, como a que foi comprovada na Calle dos Trabalhadores-Sevilha, a 12 Km, já é considerada distante.

tuações/ sítios desta região que oferecem documentação contextual mais extensa: Mamoia de Chã de Carvalhal 1 (Serra da Aboboreira-Baião), Pastoria (Chaves), Crasto de Palheiros (Murça) e Fraga da Pena (Fornos de Algodres). Na senda destes estudos, pretendemos aqui (i) enquadrar a nossa visão de síntese no contexto do noroeste peninsular (que constará sobretudo na Discussão), onde novos trabalhos de campo e recentes datações absolutas criaram um quadro diverso daquele anteriormente conhecido, e (ii) apresentar, de modo mais desenvolvido, os contextos campaniformes do Crasto de Palheiros, advindos principalmente dos resultados das mais recentes campanhas de escavação e do estudo pormenorizado das cerâmicas, tanto campaniformes como não campaniformes que, em conjunto, se associam nas mesmas camadas estratigráficas.

2. CERÂMICA CAMPANIFORME NA BIOGRAFIA CRASTO DE PALHEIROS: TOPOGRAFIAS, ARQUITECTURAS, ESPAÇOS, CRONOLOGIAS, FRAGMENTOS CERÂMICOS E RECIPIENTES

2.1

Na medida em que são as escavações desenvolvidas no Crasto de Palheiros que, pela dimensão da área escavada e quantidade de cerâmicas campaniformes recolhidas, permitem repensar a cronologia, o contexto e as diversas interpretações do campaniforme no norte de Portugal, torna-se necessário esclarecer de modo pormenorizado o contexto, quer à escala do sítio no seu enquadramento geográfico, quer à escala, mais baixa, dos contextos espaciais e estratigráficos.

Implantado numa crista quartzítica, a uma altitude absoluta de 593m, o Crasto de Palheiros ocupa o ponto mais elevado de uma dobra geológica - a Fragada do Crasto - que se integra no conjunto constituído pelas serras da Garraia e Santa Comba, que coroam o seu horizonte a norte e nordeste (Fig.1). Insere-se na zona oeste da bacia depressionária de Mirandela, na zona de confluência entre dois ecossistemas, o atlântico, ainda com grande expressão na Serra da Padrela - Trás-os-Montes ocidental, e o mediterrânico - Trás-os-Montes oriental que, progressivamente, vai anunciando os espaços do interior peninsular (Meseta Norte). Esta localização geográfica, na sua relação litoral-interior, e a relação com a bacia hidrográfica do rio Douro, tem o seu peso relativo na explicação de variados fenómenos regionais durante a Pré-história recente, como veremos adiante.

O Crasto de Palheiros terá desempenhado, desde o início do 3º mil. AC, um papel determinante no processo de estruturação do território e consolidação identitária, advindo regionalmente do neolítico antigo regional (5º e 4º mil. AC) (Sanches, M.J., 2002; 2003; Teixeira, J., 2017), o que se intui tanto pelo evidente protagonismo geomorfológico que assume na paisagem envolvente e possantes arquitecturas, como pelos vestígios materiais (arquitecturas, artefactos, e ecofactos) identificados nas escavações.

Diversas publicações têm descrito o Crasto de Palheiros (Sanches, M.J. (ed.), 2008; Sanches, M.J., 2016), e outros trabalhos têm-se dedicado ao estudo de materiais pré-históricos, sendo de destacar aqui os que dizem respeito às cerâmicas campaniformes e sua relação com outros materiais e espaços ocupados (Barbosa, S., 1999; Amorim, I., 1999; Sanches, M.J., (ed.), 2008; Barbosa, M.H., 2015; Sanches, M.J., 2016; Sanches, M.J., Barbosa, M.H. & Vieira, A., 2017).

2.2.

Uma descrição topográfica e arquitectónica do sítio, se entendida de modo abreviado, evidencia em primeiro lugar a colina encimada por uma crista escarpada que, na sua parte superior, topograficamente mais destacada, entre as cotas de 577 e 582 m, integra potentes taludes pétreos concêntricos que desenham aproximadamente dois arcos de círculo, adossando-se, a sul, à escarpa vertical que tem cerca de 40 metros de altura. Desenham assim o que foi denominado de Recinto Superior e Recinto Inferior que, no seu conjunto, cobrem uma área de cerca de 2,5 ha

(Fig.2). As escavações de emergência³ mostraram que a ocupação pré-histórica não se restringe à área delimitada pelos taludes, antes se estende pela colina abaixo do seu lado norte, embora desconhecamos ainda quais serão os seus limites espaciais exactos. Também a mesma ocupação se estende para a colina contígua, a nascente, onde se encontram ainda vestígios cerâmicos, líticos e mesmo um seixinho com pintura esquemática antropomórfica. No seu conjunto, as ocupações do Crasto parecem estender-se por uma área superior a 3,5 ha.

Mesmo que só consideremos a crista central, i.e., os recintos, o aspecto mais marcante do sítio é a clara hierarquia de espaços, originada tanto pela topografia como pelas mega arquitecturas (Fig.3). Porém, estas últimas não são de construção simultânea embora, como veremos adiante, seja possível interpretar a parte mais soerguida – o Recinto Superior – como sendo de fundação mais antiga, a despeito de outras áreas da colina poderem ter sido ocupadas ao mesmo tempo com estruturas percíveis, estas não visíveis sem escavação, ou mesmo destruídas em momento posterior⁴. Os taludes que constituem/ criam o Recinto Inferior também exibem troços que, tendo sido escavados, mostram não terem sido de fundação nem reformulações contemporâneas entre si. Contudo, o Recinto Superior, quer pelas datas absolutas, quer pelas estratigrafias e mesmo pela estilística cerâmica, cremos ter sido de fundação primeva, como defendemos noutra lugar (Sanches, M.J. 2016), e tal como argumentaremos aqui.

É no Recinto Superior, constituído por diversas plataformas e rodeado por um potente e inclinado talude, adaptado precisamente ao desnível já criado pelos afloramentos, que se exumaram cerâmicas campaniformes de estilo marítimo (clássico) e geométrico. Estas não se encontraram em mais área alguma escavada do sítio apesar de, em termos comparativos, a área do Recinto Superior ser exígua se comparada com as restantes.

2.3.

O contexto espacial de recolha de cerâmicas campaniformes situa-se, dentro do Recinto Superior, em duas plataformas: uma no extremo sul da área leste – Plataforma Superior Leste (PSL), e outra no extremo nordeste da área norte – Plataforma Superior Norte (PSL) (Fig. 4). Na parte mais elevada do Recinto Superior a rocha já aflora, e, na sua parte média somente se conservou uma unidade habitacional da Idade do Ferro já assente sobre o substrato, o que faz supor fenómenos de erosão posteriores à ocupação calcolítica naquela área. Outras plataformas deste Recinto Superior mostram uma potente sedimentação sustida pelo talude (e/ou pela muralha da Idade do Ferro), sendo susceptíveis de conterem estratos com cerâmicas campaniformes.

Deve então frisar-se que, além da ocupação calcolítica, que transcorrerá por todo o 3º mil. AC (Crasto I), o Crasto é também um povoado da Idade do Ferro (entre c. de 550/500 AC e 80/130 AD) (Crasto III) e tem ocupações, localizadas, atribuíveis, pela cronologia absoluta, a um período que cronologicamente se inscreverá na Idade do Bronze Final (800-900 AC) (Crasto II). Assim, este sítio tem uma estratificação muito complexa pois nela se cruzam: (i) além das movimentações de sedimentos, pedras e outros materiais calcolíticos decorrentes da ocupação predominantemente “construtiva”, no Calcolítico, e que cobrirá cerca de um milénio – transcorrendo, pelo menos do segundo quartel do 3º mil. AC ao período em que o sítio parece ter sido abandonado, depois de condenado intencionalmente, no final do 3º mil. AC (Sanches, M.J. & Pinto, D., 2008); (ii) fenómenos decorrentes de um período de abandono superior a um milénio, (entre Crasto I e Crasto II), com as conseqüentes invasões de vegetação, erosão, etc.; e, bem assim, (iii) o recomeço da nova

³ Realizadas pela Dryas sob direcção de Susana Nunes, aquando da abertura das infra-estruturas para o Centro Interpretativo.

⁴ Tal aconteceu, por ex., na área ocupada pelo Talude Inferior Norte, estrutura que cobriu estruturas ocupacionais mais antigas, algumas datadas dos meados do 3º mil. AC, mas muitas outras, não datadas, podem corresponder a ocupações mais antigas, coetâneas da construção do Recinto Superior. (Sanches, M.J., 2008: 176 e 178).

e prolongada ocupação de Crasto III. Este último povoado, com as suas construções, reformuladas continuamente, acrescidas do posterior abandono do local, em conjunto com o uso agrícola, milenar, do monte, com a decapitação de solos por erosão, serão os responsáveis principais da mistura de materiais antigos, calcolíticos, e dos mais recentes, em alargadas áreas. Neste quadro geral, que tem expressão clara, embora diversa, em toda a área escavada, repetimos, deve ser compreendido o contexto de recolha de muitas das cerâmicas campaniformes no Recinto Superior, isto é, na Plataforma Superior Leste (PSL) e na Plataforma Superior Norte (PSN).

2.3.1

Na Plataforma Superior Leste (doravante PSL ou área norte do Recinto Superior) a estratigrafia foi organizada genericamente em: camada 3, muito vestigial e localizada, prévia às construções arquitectónicas e mal caracterizada do ponto de vista artefactual; camada 2, a mais antiga dentro do recinto; camada 1, sobreposta à c. 2, tendo já alguns revolvimentos e estando muito decapitada pela erosão na área não condenada intencionalmente em fase posterior; na área condenada através de espessa carapaça pétreia (bem conservada no extremo sul) e que selou algumas estruturas e deposições, esta camada 1 é espessa⁵; sobrepõe-se-lhe a camada 0, vegetal, e, nalgumas áreas menos decapitadas, a c. 0/1. Tanto na c. 0 como na c. 0/1 se misturam materiais calcolíticos com materiais da Idade do Ferro, mostrando que também aqui a estratigrafia terá sofrido revolvimentos, erosão e redeposição. Camadas 3 e 2 relacionam-se assim com a construção primeva das arquitecturas duráveis (Talude e embasamento de troço de muralha), estando a c. 3 por baixo do Talude, e tendo-se formado a c. 2 já com o uso do espaço interno do recinto a que este dá origem (Sanches, M.J (ed.) 2008: Figs. II.5 e II.6).

Todavia, esta imagem sintética, destinada a uma compreensão imediatista, não revela a complexidade estratigráfica, a qual traduz também, nos seus pormenores, construções, derrubes intencionais, condenação de estruturas e deposições. Para o que agora nos interessa aqui, convém fazer notar que as cerâmicas campaniformes (toda a variabilidade de campaniforme, incluindo imitações locais) se exumaram nas camadas 0 e 1 (que integra a unidade estratigráfica (UE) [20] na zona sul), portanto nos estratos revolvidos superiores e na camada 1, onde se articula com várias estruturas habitacionais (como buracos de poste, uma lareira, pisos de argila) e com vestígios de consumo de animais (ovelha/cabra, que é dominante, porco e javali), cereais e leguminosas, cerâmicas variadas, percutores, seixos e moinhos, o que sugere tratar-se de uma zona de consumo, apesar de o espaço ser bastante exíguo. Todavia, pelo facto de também terem sido recolhidas na parte superior de UE [20], num momento prévio ao encerramento intencional por carapaça pétreia/empedrado, e de se relacionarem com uma estrutura pétreia sublosângica UE [20.2] ao lado da qual foi depositado um vasinho inteiro e uma laje com covinhas, e ainda com uma área de combustão (a mesma que forneceu a data de C14), assumimos que se encontram em contexto bem preservado e datado. Uma parte de gume de machado de cobre relaciona-se também com este último contexto - parte média de UE [20]⁶, e duas contas verdes com a camada 1.

As cerâmicas campaniformes não correspondem assim a qualquer momento fundacional; pelo contrário, o Recinto Superior já havia sido criado e prosseguia nas suas funções de uso comunitário quando se assiste à sua inclusão nos contextos das práticas sociais daquele. Participam também, cremos, no processo de clausura intencional, embora não tenhamos encontrado aqui qualquer fragmento nas estruturas de encerramento/empedrado, ao contrário do que irá acontecer na área norte deste recinto.

⁵ Por facilidade denominamo-la aqui de camada 1 pois encontra-se na continuidade espacial desta, embora nos registos de campo a complexa estratigrafia desta ocupação/deposição/encerramento tenha sido registada através de vários Lx. ou UEs, como [18], [19], [20].

⁶ Portanto, da camada 1, pois [20] = cam. 1.

No que às restantes cerâmicas diz respeito, convém acentuar que nas camadas correspondentes à criação do Recinto Superior nesta área e, bem assim ao seu uso mais antigo, apesar do pouco material exumado (em termos relativos) ocorrem somente morfologias e estilísticas conservadoras, de tradição neolítica. Pelo contrário, é na camada 1 (entenda-se, com a UE [20]) e nos sedimentos do empedrado terminal que as formas mais tradicionais coexistem com formas evoluídas, concretamente as formas de tipo [8]; convivem aquelas também com o campaniforme clássico, numa área útil, com estruturas aparentemente domésticas, de 88 m², mas, repetimos, nenhum fragmento foi exumado no empedrado em si. Desconhecemos se este pormenor terá de facto importância real na medida em que foi escavada somente uma porção deste empedrado (8 m²), tendo ficado a restante parte (6 m²) “em reserva arqueológica” para posterior escavação.

A decoração acompanha esta tendência verificada nas formas. Todavia, os 60 fragmentos campaniformes identificados⁷ provêm na sua totalidade dos contextos de ocupação menos antigos desta área (embora sejam os que mais espólio forneceram). Importa referir ainda que as organizações decorativas I1a e V3, incisa e impressa penteada, respectivamente, e consideradas mais evoluídas no plano regional, apenas estão presentes na camada 1 (com UE [20]). Provêm destes contextos alguns fragmentos conectados estilisticamente com o complexo de Palmela / Ciempozuelos, concretamente três fragmentos incisos (UE [20]) e um fragmento de tipo pseudo exciso (camada 1). Como atrás dissemos, é do topo da UE [20] que provêm uma data de C14, com o seguinte resultado: CSIC 1280 – 2860-2495 AC (cal 2020), sendo esta que, para nós, dataria o contexto com cerâmicas campaniformes. Refere-se, portanto, ao momento que antecede a condenação da plataforma e não à fundação do Recinto em si, embora o intervalo das datas de C14 não nos permita por ora defender que a fundação do Recinto Superior se situe em data mais antiga que o 3º mil. AC. Admitimos assim que a ocupação com campaniforme se situará no segundo quartel do 3º mil. AC; na hipótese, aceitável, de ter transcorrido pouco tempo entre o início da monumentalização e a presença campaniforme, então o início daquela poderá situar-se ainda no segundo quartel do 3º mil. AC. Por sua vez, as datas absolutas do Recinto Inferior (zona leste) situam o início da sua criação e uso primevo precisamente nesta cronologia, o que nos permite colocar a hipótese de que a ocupação com campaniforme coincidirá com a ampliação das mega construções no Crasto, isto é, com o início da criação do Recinto Inferior.

Em apoio desta hipótese, verifica-se que as cerâmicas do Recinto Superior têm paralelismos notórios com as da ocupação relacionada com o campaniforme da área leste do Recinto Inferior. Exceptuam-se as campaniformes clássicas (complexo marítimo), ausentes neste recinto. Este facto denotaria, além da maior antiguidade na criação do Recinto Superior, uma segregação relativamente ao uso das cerâmicas campaniformes “clássicas” e práticas sociais que as envolveriam (Fig. 2). Os dados da área norte apontarão no mesmo sentido, como veremos adiante.

Os 60 fragmentos campaniformes permitiram identificar 23 recipientes, com nove reconstituições gráficas, integráveis estilisticamente no complexo marítimo: duas caçoilas campaniformes, de perfil sinuoso (tipo [9]) (v. geométrica); quatro vasos de perfil sinuoso e colo alto (tipo [10], variante B), (dois na v. geométrica e dois na v. linear); três vasos de perfil sinuoso com carena pouco acentuada (tipo [11], v. geométrica); formas acampanuladas, ligeiramente fechadas e com simulação de carena, muito similares às taças Acebuchal (tipo [8]). Esta forma surge por vezes associada à OD (organização decorativa) [V3] que replica, na sua versão de impressão penteada, as bandas campaniformes (Sanches, M.J. (ed.), 2008: Fig. II.23). Porém, é mais recorrente a sua associação

⁷ Sempre que, no decorrer deste texto, não for especificado se se trata das formas inspiradas em Palmela/ Ciempozuelos, decorações deste tipo e imitações locais, entendemos por cerâmica campaniforme aquela que apresenta formas e/ou decorações do complexo marítimo (clássico e geométrico).

a uma organização decorativa muito particular, já nomeada atrás e que foi identificada também no abrigo do Buraco da Pala. Consiste numa decoração incisa, extremamente padronizada - OD [11a], corporizada em faixas verticais de reticulados alternadas com espaços vazios que se juntam por vezes em estrela no fundo do recipiente (Fig. 13.2), imitando formalmente o grupo de Ciempozuelos/ Palmela. Esta surge associada também a pequenas taças globulares ou em calote [3B] e [4A] (Fig. 12 e 13.1). Este grupo (com OD [11a]) tem tratamento de superfícies tão ou mais cuidado que o campaniforme “clássico”, embora sejam recipientes de cozedura oxidante, castanho escuros, por contraposição aos campaniformes, castanho avermelhados. Presente somente em 15 recipientes da camada 1, e associada às formas com que se relaciona, configura uma panóplia formal equiparável ao grupo campaniforme clássico pois inclui “malgas” e taças hemisféricas ([3B], [4A]) e vasinhos de pequena dimensão (Fig. 12, 13.1 e 13.2). Por essa razão, e atendendo à elevada qualidade das pastas e à sua própria raridade (pois surge, igualmente, em reduzidíssimas percentagens), integramos estes recipientes na cerâmica de excepção do Crasto; pelas razões apontadas, apelidamos este conjunto de “campaniforme inciso” do Crasto de Palheiros. Porém, enquanto este conjunto se encontra em todas as áreas escavadas (ambos os recintos, ainda que em baixas %), a cerâmica campaniforme “clássica”, por seu lado, está confinada ao Recinto Superior. Apesar disso, este “campaniforme inciso” tem a sua máxima expressão nesta área do Recinto Superior e, bem assim, na área de consumo 3 do Recinto Inferior, onde participa também do encerramento deste último (Sanches, M.J., 2016: Fig.8).

Contrariando a tendência da maioria dos recipientes decorados com que se associam contextualmente – e que concentram a sua decoração na parte superior do mesmo, sob o bordo – os recipientes campaniformes apresentam-se profusamente decorados, em toda a extensão da sua superfície exterior. Importa referir que as cerâmicas impressas penteadas, predominantes no contexto regional (bacias de Chaves/ Corgo e Tua/ Mirandela), apresentam uma evolução interna no sentido de um gradual barroquismo. Se numa fase inicial (finais do IV^o/ inícios do 3^o mil. AC) a decoração se concentra sobretudo na faixa abaixo do bordo dos recipientes, a partir do segundo quartel/ metade do 3^o mil. AC há uma tendência para que estas se disponham ao longo de todo o corpo do vaso. Há, assim, à escala regional da área interior do norte de Portugal, uma tendência clara de associação da cerâmica campaniforme clássica a decorações complexas penteadas.

2.3.2

A Plataforma Superior Norte (ou área norte) apresenta nesta zona, tal como na leste, uma área útil bastante reduzida, entre os afloramentos e o talude que a delimita (Fig. 4). Aliás, em ambas terá sido usado o talude para “criar” espaço através da delimitação e horizontalização da vertente rochosa e muito inclinada (inclinação igual ou superior a de 45°) (Fig. 3 a 6). Convém referir que a campanha de escavações ali realizada em 2017, embora tenha tido propósitos relacionados com a estabilização da plataforma, nos fez reconsiderar algumas interpretações prévias, de que a mais importante se refere ao Empedrado terminal, que termina no topo do Talude. Este não terá tido contorno subcircular, como supúnhamos e publicámos (Sanches, M.J., Barbosa, M.H. &Vieira, A., 2017). Na realidade, desconhecemos o seu perímetro dada a afectação que sofreu, em grau variável consoante as zonas, por destruições posteriores (já nomeadas atrás) e ainda porque embora tenha sido aberta uma alargada área da plataforma (perto de 80 m²), somente se escavou entre 15 a 30 cm na maioria dela; o solo geológico atingiu-se em 16 m². De qualquer modo, mantém-se a proposta interpretativa inicial que resumimos de seguida (Fig. 3 a 6 e particularmente corte das Figs. 7 e 8): (i) a ocupação inicia-se com a construção do potente Talude que delimita a plataforma, conferindo-lhe o aspecto com que se nos apresenta ainda na actualidade; (ii) não encontrámos ali qualquer vestígio de muralha delimitadora, embora não seja de afastar a ideia de que, podendo ter

sido construída em materiais perecíveis, ou constando mesmo de uma paliçada, não tenha sido destruída, até pela condenação intencional do *terminus* da ocupação calcolítica; (iii) a “ocupação” primeva no interior do Recinto materializa-se logo em estruturas pétreas delimitadoras UE [33] e UE [34] e numa camada de ocupação (espessa) que cobre uma pequena área, e que sintetizamos em UE [41]. Esta desenvolve-se em torno de uma estrutura pétrea sucessivamente condenada [EP2], e exhibe estruturas e áreas de combustão de ambos os lados daquela (Fig. 6). Também esta plataforma foi sendo reestruturada/ restaurada arquitectonicamente nos seus contornos (pois abaixo está o acidentado Talude); por fim, condenada intencionalmente. Deste modo, do ponto de vista estratigráfico, não é possível discernir nesta estrutura (o Empedrado), momentos discretos de fundação – reformulação – encerramento; estes são indicados por UE [33] e UE [34], embora no topo dessa estrutura, já zona de condenação/ encerramento claros, a terra argilosa insira cascalho fino (não representado no corte), em vez de pedras de média e grande dimensão. O Empedrado inclui ainda algumas deposições (sobretudo de cerâmica - vasos quase inteiros, mas partidos) no seu interior, e áreas com combustões localizadas e muito discretas. Embora nalgumas áreas se tenham preservado estruturas da Idade do Ferro, sobretudo porque se encaixaram no Empedrado, elas não coincidem com o corte que aqui publicamos. A UE [4] representa aqui, digamos, os estratos da superfície com diferentes graus de revolvimento.

Tal complexidade estratigráfica obrigou ao agrupamento das cerâmicas (e outros materiais) em grupos estratigráficos, que atenderam tanto à estratificação registada como aos revolvimentos. Podem ser observados na imagem da Fig. 9 que publicamos aqui para contextualizar a recolha de cerâmicas campaniformes. Assim, o Grupo Estratigráfico (GE) 5, onde se recolheram dois fragmentos campaniformes, corresponde à ocupação calcolítica preservada que envolve estratigraficamente a Estrutura Pétrea 2, de configuração subcircular, constituída por pedras fincadas no solo, e onde se recolheu, já no seu extremo superior, um fragmento campaniforme. Obteve-se uma data de C14, proveniente do topo superior de uma lareira coeva desta estrutura: Ua - 22284: 2850-2469 AC (27), datando assim o contexto onde surgem, em uso e não em deposição, cerâmicas campaniformes. O GE 4 refere-se ao empedrado calcolítico, incluindo fundação, uso e encerramento, como explicámos acima. Encontram-se assim abundantes materiais arqueológicos no GE 4 – entre os quais 25 fragmentos campaniformes (Quadro 1). Aliás este elevado número (que representa c. de 25% do total das cerâmicas campaniformes) como que “replica” a representatividade das cerâmicas deste grupo relativamente aos restantes, já que o GE 4 regista c. de 21 % da cerâmica desta plataforma⁸. O GE 3/4 diz respeito a contextos muito revolvidos, onde materiais calcolíticos convivem com materiais da Idade do Ferro. Deste grupo provêm quatro fragmentos campaniformes (e este grupo representa, no conjunto de cerâmicas deste sítio, 6%). O GE 2 refere-se sobretudo a contextos da Idade do Ferro (com c. de 7% das cerâmicas), permanecendo, contudo, alguns materiais calcolíticos, nomeadamente 21 fragmentos campaniformes (que representa, então, 21%). O GE 1 corresponde ao topo do empedrado, constituído por sedimentos extremamente revolvidos e antigas camadas vegetais, e o GE 0, por sua vez, refere-se à camada vegetal actual, tendo-se recolhido nestes grupos 28 e 20 fragmentos, respectivamente. Porém, destes 20 fragmentos, 13 provêm já da camada vegetal do Talude, para onde terão “escorregado” do seu lugar de origem: a plataforma. No GE 0 e GE 1 estão 27% e 15%, respectivamente, dos materiais cerâmicos da área norte (e 20% e 28% dos campaniformes, respectivamente). É assim de supor que a maioria dos fragmentos campaniformes estivesse no Empedrado, nos seus momentos de encerramento (pois podem ter sido vários) e que, por revolvimentos posteriores, e mesmo “decapitação” desse Empe-

⁸ As % indicadas aqui referem-se à representatividade relativa do total de cerâmicas de cada grupo (GE) no conjunto dos fragmentos recolhidos nesta plataforma. Constam na Dissertação de Mestrado de Andrea Perez Iglesias (em redacção), a quem agradecemos.

drado, tenham vindo a depositar-se nas camadas revolvidas dos grupos estratigráficos 3, 2, 1 e 0 (e ainda sobre o Talude). Concorre para esta interpretação o facto de no GE 2 (com estruturas da Idade do Ferro) somente se registar c. de 7% da cerâmica desta área norte (PSN), exibindo, contudo, c. de 21% dos fragmentos campaniformes. Na realidade, as estruturas da Idade do Ferro “encaixaram-se” no Empedrado, revolvendo-o em variadas áreas de modo que a maioria da cerâmica deste grupo se inscreve nas formas e decorações calcolíticas e não nas da Idade do Ferro. Mesmo assim, pelo facto de aparecerem também dois fragmentos na camada de ocupação [41] - GE 5 - o campaniforme deverá ter participado de outros usos que não somente os da condenação. O seu uso na condenação, embora possa ter interpretações diversas, parece-nos assim provado, embora a sua presença tanto se possa dever à deposição de fragmentos socialmente reconhecíveis como tal, com significado/ valor simbólico comunitário, ou decorrentes do uso de terras “de empréstimo” onde jaziam como “lixo”. A este “lixo” poderia ter sido, ou não, atribuído valor social.

Dos 101 fragmentos campaniformes recolhidos é possível identificar um número mínimo de 28 recipientes. O estado de conservação das cerâmicas é genericamente mau, o que dificulta bastante a correlação entre fragmentos do mesmo recipiente e impossibilita mesmo, em muitos casos, a identificação da organização decorativa. Trata-se de um conjunto em que 75% dos fragmentos têm uma dimensão igual ou inferior a 3cm de diâmetro e apenas 5% são fragmentos médios, com mais de 5cm de diâmetro. Somente 9% apresentam as suas arestas angulosas, sendo que os restantes têm arestas erodidas (52%) ou muito erodidas (39%). Quanto ao estado de conservação das superfícies a tendência mantém-se, com 65% dos fragmentos a apresentar superfícies corroídas.

QUADRO 1

Estado de conservação das cerâmicas campaniformes da PSN - números absolutos									
Grupos estratigráficos	Tamanho			Arestas			Superfícies		Total
	T1	T2	T3	A1	A2	A3	C1	C2	
0	13	7	0	9	10	1	15	5	20
1	19	9	0	12	13	3	17	11	28
2	19	2	0	9	10	2	15	6	21
¾	1	0	0	1	0	0	1	0	1
3/5	2	1	0	0	2	1	0	3	3
EP2	1	0	0	1	0	0	1	0	1
4	20	3	2	6	17	2	15	10	25
5	1	1	0	1	1	0	1	1	2
TOT	76	23	2	39	53	9	65	36	101
AL									
%	75.3	22.8%	1.9%	38.6%	52.2%	8.9%	64.4%	35.6%	100%

Legenda: T1: <3cm; T2: 3cm-5cm; T3: 5cm-8cm | A1: arestas muito erodidas; A2: arestas erodidas; A3: arestas angulosas | C1: superfícies corroídas; C2: superfícies não corroídas

Quadro 1: Estado de conservação dos fragmentos campaniformes da Plataforma Superior Norte

Merece que destaquemos aqui o estado de conservação do campaniforme no GE 4 em comparação com o restante conjunto cerâmico desse grupo pois se refere a uma estrutura construída (e reconstruída ainda que em momentos sucessivos). Ora, também aqui c. de 80% dos fragmentos campaniformes têm uma dimensão igual ou inferior a 3 cm, e somente 8% são médios, com 5 cm

a 8 cm; e no que respeita à conservação das arestas, unicamente 8% as tem bem conservadas, estando 90% corroídas ou semi corroídas. As superfícies estão predominantemente mal conservadas (60%). Estes valores, se comparados com os da restante cerâmica⁹ deste GE 4, mostram as mesmas tendências gerais na conservação das arestas e no estado de conservação das superfícies. Todavia, a cerâmica campaniforme exhibe valores claramente mais elevados nas categorias de fragmentos de tamanho muito pequeno (80% no campaniforme para 38% no total do grupo), portanto uma maior fragmentação. De igual modo não se registam fragmentos de grandes dimensões, ao contrário do conjunto deste grupo onde, embora em baixas % (em torno a 2%), dizem respeito a deposições comprovadas de partes substantivas de vasos de média e grande dimensão.

Na realidade, os valores apontados acima para a fragmentação necessitam de ser lidos com algumas nuances. Com efeito, o tamanho reduzido dos recipientes campaniformes provocará predominantemente fragmentos mais pequenos do que aqueles registados numa colecção onde existem, além de recipientes de pequena e média dimensão, outros também grandes. Não podemos assim afirmar que os recipientes campaniformes foram sujeitos a uma fragmentação mais substantiva que os restantes, nem que, por serem pequenos, não tenham sido objecto de deposição intencional.

Verifica-se também um elevado grau de dispersão dos fragmentos pertencentes ao mesmo recipiente, que podem distar entre 6 m a 10 m. Porém, a dispersão dos fragmentos não se verifica unicamente a um nível horizontal, entre quadrados, mas também verticalmente. Os recipientes cujo contexto se encontra apenas num GE estão representados, na maior parte dos casos, por um único fragmento. De facto, contabilizou-se um elevado número de fragmentos “órfãos” (cerca de 38, que representam aproximadamente 38%). Estas características não são exclusivas das cerâmicas campaniformes, podendo ser explicadas por causas que se prendem, antes de mais, e como já referimos atrás, com os revolvimentos da Idade do Ferro, e, nos casos de contextos calcolíticos preservados desta PSN, com o próprio processo construtivo do Crasto na Pré-história, como seria o caso do Empedrado [GE 4]. Estudos realizados sobre a construção arquitectónica da Plataforma Inferior/ Recinto Inferior, apontam para um constante revolvimento e transporte de terras e materiais arqueológicos entre diferentes áreas do Crasto nas consecutivas acções de reconstrução das suas estruturas. Se esse dinamismo construtivo se verificou também na Plataforma Superior (hipótese que está a ser investigada no contexto de uma Dissertação de Mestrado¹⁰), estamos certos de que os sedimentos e materiais arqueológicos deste recinto não foram transportados para outras áreas do Recinto Inferior, uma vez que somente aqui se encontram fragmentos campaniformes. Admite-se igualmente que, a par da sua utilização como elemento construtivo (particularmente nos contextos de encerramento da plataforma), os fragmentos campaniformes possam ter sido integrados em performances de deposição e / ou fragmentação intencional *in situ* (em cujas acções a manipulação tanto poderia incidir nos próprios fragmentos, como nos recipientes ou parte deles), tal como se verificou com outras cerâmicas em diferentes áreas do Crasto de Palheiros, e tal como se verificou também no Empedrado da área leste do Recinto Inferior.

2.3.3

No que respeita à estilística decorativa da cerâmica campaniforme há um maior barroquismo e maior diversidade estilística no conjunto da área norte, além de que aqui surgem ainda decorações com incrustação a pasta branca, bastante difícil de controlar durante o processo de fabrico,

⁹ O conjunto cerâmico do GE 4 conta com c. de 2500 fragmentos cerâmicos.

¹⁰ Dissertação de Mestrado de Andrea Perez Iglesias (em redacção), a ser defendida na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

mas que conferiria aos recipientes uma visibilidade muito peculiar (Fig. 13 e 15). Há realmente um grande investimento no fabrico e decoração destas cerâmicas, que exigiriam um particular “conhecimento do modo de as fazer”. A cerâmica do complexo Marítimo distribui-se da seguinte forma: Herringbone: sete recipientes; Marítimo de bandas: 3 recipientes; Marítimo linear: um recipiente; Geométrico: 17 recipientes. Destaca-se a Organização Decorativa (OD) [XXV8] (Fig. 13.3 e 15.4), pertencente à variante geométrica, exclusiva desta área do Crasto e inédita no plano regional. Observe-se que esta decoração, muito rara, é desconhecida no norte de Portugal / Galiza e também na Estremadura portuguesa, sendo, apesar de tudo, conhecida em locais bastante distantes do Crasto, como é o caso da região de Madrid/nascente do Tejo - “cabana” 3 da extenso (20 ha) Recinto de fossos de Camino de las Yeseras (Lettow-Vorbeck, C.L. *et alii*. 2013, Fig. 8) e, particularmente, Baixo Guadalquivir - Calle Trabajadores, que é uma das áreas do inusitadamente grande (450 ha), e também, recinto de fossos de Valencina de la Concepción (Sevilla) (Inácio, N. *et alii*, 2017: 292-293; Scarre, C.; Wheatle, D., 2017). Surge em ambos os sítios associada a deposições de ossos humanos e, em Calle de los Trabajadores, complementarmente, ao encerramento intencional de uma estrutura que presumimos tenha tido outras funções que não “funerárias”. Temos de aceitar também a possibilidade de existirem recipientes campaniformes lisos, tal como acontece na área leste, porém, o estado fragmentário do conjunto cerâmico não o permite confirmar.

Dos 28 recipientes campaniformes (clássicos) identificados foi possível reconstituir a forma de poucos deles. Estão assim presentes uma taça aberta de ombro – tipo [9], associada à variante geométrica, e formas campaniformes tradicionais, de perfil em S - tipo [10], que se associa ao complexo marítimo na sua variante linear e Herringbone. Encontra-se também aqui o tipo [8]. Reconstituiu-se ainda uma taça aberta e alta, associada à variante geométrica que, por não ser “de ombro”, se integrou provisoriamente no tipo 12 (Fig. 12).

A área norte, em termos decorativos, é bastante distinta tanto da área leste como das restantes áreas do Crasto, devido sobretudo à exiguidade de cerâmicas impressas penteadas (tanto organizações simples como complexas) que, por sua vez, dominam naquelas áreas (e onde representam c. de 70% das cerâmicas decoradas). Outros estilos e organizações mais tradicionais do fundo neolítico dominam aqui (incisas e impressas), mas nem por isso estamos perante decorações e organizações decorativas repetitivas, antes muito variadas. Merecem destaque também as organizações decorativas metopadas (com técnica incisa e/ou impressa) e, de igual modo, a elevadíssima % de cerâmica decorada, no que segue a tendência observada em toda a estação. Refira-se ainda que foi também exumado um fragmento, bastante corroído, com um motivo solar e que as cerâmicas do “campaniforme inciso” são vestigiais aqui e somente surgem nos níveis de revolvimento superior. De fazer notar ainda que no interior da [EP2], e fazendo parte da sua condenação, se exumou somente um vaso quase inteiro, acampanulado, de tendência subcilíndrica (similar ao tipo [6] do Buraco da Pala, nível I), decorado precisamente segundo a técnica de impressão penteada, organizada em métopas, isto é, uma OD [I2c1] considerada muito evolucionada no contexto regional¹¹, como temos vindo a repetir (Sanches, M.J. (ed.), 2008:182). O fragmento de campaniforme desta estrutura da área norte [EP2] encontrava-se já nos sedimentos do topo da sua condenação. Porém, se é verdade que os fragmentos campaniformes se relacionam estratigraficamente, na grande maioria, com contextos da Idade do Ferro, é a relação com os restantes materiais calcolíticos que deve ser privilegiada do ponto de vista interpretativo. Importa então marcar aqui duas ideias: (i) na parte inferior do grupo estratigráfico 5 só ocorrem cerâmicas mais

11 Recipiente 8378 da PSN. A comparação com a estratigrafia calcolítica do Buraco da Pala (níveis I e II) torna-se pertinente dada a proximidade espacial das duas estações e a similitude nas formas e decorações. Também é de destacar a semelhança desta estilística com a da região de Chaves - V^a P^a de Aguiar.

conservadoras, morfológica e estilisticamente pertencentes ao fundo neolítico regional, com ausência, também, de cerâmicas penteadas e/ou campaniformes (impresso ou inciso), à semelhança do que fora registado nos níveis mais antigos da área leste deste recinto; (ii) no topo deste grupo estratigráfico e no GE 4 (Empedrado), surgem campaniformes e decorações mais complexas, entre as quais se encontram as penteadas que, embora permanecendo raras, exibem organizações decorativas consideradas regionalmente já evolucionadas (como o vaso da [EP2]). Assim, os dois “momentos” temporais e construtivos da área leste também se vislumbram aqui, e concorrem para a mesma hipótese colocada atrás: a de que a ocupação com campaniforme se relacionará com a ampliação das construções, nomeadamente a criação de alguns troços do grande talude inferior (na área leste, por ex.) que, após terminado no seu perímetro, originará o Recinto Inferior tal como se nos apresenta na actualidade.

QUADRO 2

Sítio arqueológico	Tipo de sítio	Laboratório	Datação BP	Cal. 2 σ a.C.	Contexto
Buraco da Pala	Abrigo	ICEN-310	4120 \pm 80	2881-2488	Nível I
		ICEN-311	4120 \pm 50	2875-2501	Nível I
		GrN-19101	3955 \pm 25	2558-2346	Nível I
Craсто de Palheiros	Recinto monumental	CSIC-1216	3729 \pm 39	2279-1985	Recinto superior / PSL - Lx.9
		CSIC-1280	4087 \pm 34	2860-2490	Recinto superior / PSL - Lx. 20.4
		Ua-22284	4035 \pm 45	2849-2466	Recinto superior / PSN - Lx. 40.1 (GE 5A)
		CSIC-1617	4046 \pm 29	2830-2470	Recinto inferior / PIL - Lx. 41.2
		Ua-18528	4060 \pm 50	2860-2470	Recinto inferior / PIL - Lx. 112
		Ua-22212	4065 \pm 45	2869-2475	Recinto Inferior / PIL - Lx. 109.2
Fraga da Pena	Recinto monumental	Sac-1543	3710 \pm 60	2282-1922	Setor 1, UE [3]
		ITN-Lum 41	4010 (\pm 200)	4210-3810	Setor 1, UE [3]
		ITN-Lum 42	3999 (\pm 200)	4199-3799	Setor 1, UE [3]
		ITN-Lum 43	4007 (\pm 200)	4207-3807	Setor 1, UE [3]
		ITN-Lum 44	3989 (\pm 200)	4189-3789	Setor 1, UE [3]
Forca	Recinto de fossos	Beta-258088	3980 \pm 50	2828-2308	UE [662]

Quadro 2: Datações de contextos com campaniforme disponíveis para o norte de Portugal / bacia do Douro. As datas de C14 foram calibradas pelo programa CALIB 7.04, conforme curva atmosférica IntCal13 (Reimer et al. 2013).

QUADRO 3

Sítio arqueológico	Tipo de sítio	Laboratório	Datação BP	Cal. 2 σ a.C.	Contexto
A Chan de Coiro	Povoado	CSIC?	3830 \pm 80	2479-2036	presumível fundo de cabana
A Gândara	Povoado	CSIC-1265	4095 \pm 42	2868-2495	depósito no interior de fosso
A Lagoa	Povoado	CSIC-900	3030 \pm 50	1411-1127	PA 45.01
		CSIC-901	3140 \pm 70	1605-1220	PA 45.01
		CSIC-899	3900 \pm 70	2571-2150	PA 45.04
		CSIC-1000	3800 \pm 30	2338-2139	PA 45.04
		Beta-74272	3820 \pm 60	2466-2059	PA 44.04
Cartas de Vilar 4	Povoado	CSIC-1383	4027 \pm 28	2619-2474	depósito no interior de uma fossa
O Fuxiño	Povoado	CSIC-2087	3370 \pm 25	1740-1615	fossa circular com carvões
		CSIC-2089	3325 \pm 26	1683-1529	fossa circular com carvões
		CSIC-2090	3292 \pm 27	1626-1505	fossa circular com carvões
Setepias	Povoado	Ua-21849	3670 \pm 45	2197-1928	área 3, interior de vala da E-2
		Ua-21850	2985 \pm 50	1388-1051	área 4, interior de vala da E-9
Zarra de Xoa-cín	Povoado	Ua-21692	3925 \pm 45	2568-2286	interior de estrutura pétreia
		CSIC-1857	4232 \pm 33	2911-2697	possível estrutura de combustão
Montenegro	Povoado	CSIC-1986	3813 \pm 52	2461-2064	UE [362]
	Povoado-cerimonial	Ua-23589	4120 \pm 40	2871-2577	interior de cabana dentro do recinto circular do povoado
		Ua-23591	4125 \pm 40	2872-2579	depósitos que colmatavam vala de uma cabana oval, similar à anterior
A Devesa de Abaixo	Cerimonial	Beta-278856	4200 \pm 40	2899-2638	depósito da estrutura funerária ADA-07
Guidoiro Areoso	Cerimonial	GrN-16108	4020 \pm 40	2833-2465	concheiro de um paleosolo da sondagem II (estrutura funerária ?)
Monte de Os Remedios	Cerimonial	UA-33140	4240 \pm 40	2919-2679	sedimento de vala perimetral da cabana circular
		UA-33143	4150 \pm 40	2879-2589	sedimento e carvões de lareira da cabana circular
Saídos das Rozas	Cerimonial	CSIC-1131	4219 \pm 32	2905-2680	depósito do interior de uma fossa
Devesa do Rei	Cerimonial	Ua-21686	3555 \pm 45	2022-1763	resíduos do interior de um recipiente
A Forxa	Funerário - cista	Ua-21691	3370 \pm 45	1765-1530	resíduos do interior de um recipiente
Agro de No-gueira	Funerário - cista	Beta-231718	3930 \pm 40	2565-2293	ossos humanos procedentes de pequena cista da necrópole

A Madorra da Granxa	Funerário - dólmen	CSIC-1375	3329±27	1684-1530	lareira entre as pedras da cobertura interna do túmulo
		CSIC-1377	3246±28	1610-1448	lareira entre as pedras da cobertura interna do túmulo
Dombate - Fase III	Funerário - dólmen	CSIC-892	4230±70	3011-2584	encerramento do monumento com laje vertical na entrada do corredor
		CSIC-948	4200±30	2893-2678	exterior do túmulo
Dombate - Fase IV	Funerário - dólmen	CSIC-962	4020±30	2619-2471	exterior do túmulo; utilização do monumento em época campaniforme
		CSIC-1066	4090±60	2872-2489	exterior do túmulo
		UtC-3201	3950±60	2619-2213	interior da câmara
Cameixa	Funerário - fossa	UtCNr-7276	3778±40	2339-2041	sedimento do interior de recipiente
Fraga do Zorro	Funerário - fossa	CSIC-1201	3438±43	1880-1644	sedimento do nível interior da fossa A5
A Romea	Funerário - túmulo	Ua-20003	4265±50	3019-2679	parte inferior da segunda tumulação, próximo do acesso à câmara
Campiños 6	Funerário - túmulo	GrN-14328	4300±60	3096-2698	bloqueio da entrada
Coto dos Mouros	Funerário - túmulo	CAMS-83116	3830±60	2469-2064	pintura em ortóstatos
Cotogrande 5	Funerário - túmulo	GrN-19565	4065±50	2862-2473	base do túmulo; ligado ao desmantelamento da câmara
Forno 5 dos Mouros	Funerário - túmulo	Ua-21689	3565±40	2025-1773	derrube dos limites da couraça sobre a zona do corredor - UE [030]
Illade 3	Funerário - túmulo	GrN-19213	3855±60	2473-2142	fossa sobre túmulo que cobre uma sepultura antiga; fossa com estela
Illade 5	Funerário - túmulo	Beta-51901	4000±120	2877-2206	fossa secundária
Mourela 7	Funerário - túmulo	CSIC-977	3820±35	2456-2142	solo da câmara
Reboredo 1	Funerário - túmulo	GrN-19214	3820±70	2469-2043	lareira junto à câmara

Quadro 3: Datações de radiocarbono disponíveis para contextos campaniformes da Galiza, calibradas pelo programa CALIB 7.04, conforme curva atmosférica IntCal13 (Reimer et al. 2013) (baseado em Prieto-Martínez, M.P., 2011:359-361, com adaptações).

2.3.4

Em síntese, no Recinto Superior verificamos que, dentro do conjunto das cerâmicas decoradas, o campaniforme clássico representa 5,2% na área leste. Já na área norte é de 3.6%. São percentagens muito baixas, o que, aliado ao contexto de proveniência, à qualidade das pastas, ao acabamento e à exuberância na decoração nos permite, com toda a propriedade, interpretá-las como cerâmicas de excepção.

Se somarmos o conjunto do campaniforme inciso, representado aqui pelos vasos de tipo [8], aos campaniformes ditos “clássicos”, perfazem c. de 10% do total das cerâmicas. Neste somatório os campaniformes correspondem a 5,4 % e os recipientes de tipo [8] correspondem a 4,6%, o que mostra, apesar de tudo, a elevada representatividade deste campaniforme inciso. Relativamente às suas dimensões verificamos que os vasos de tipo [8], por serem muito pequenos (variam, em litragem, entre 0,47 e 1,164 litros), parecem ser copos de beber. Já a variação dos campaniformes é um pouco maior: entre 0,94l e 5,75 l, mas também aqui dominam os de reduzida dimensão. São, aparentemente, recipientes destinados ao consumo, colectivo ou individual, pois nem uns nem outros apresentam vestígios de ir ao lume, tal como na área leste.

Além do campaniforme inciso [11a], distribuem-se ainda e igualmente por todas as áreas do Crasto (ambos os recintos) os estilos que traduzem versões locais campaniformes, mormente as bandas penteadas aditivas [V5] (ver sua ilustração em Fig.20- 1,2,4,5,6,7), bem como as métopas desenhadas a pente, já que ambas se encontram frequentemente associadas a recipientes cuidados. Tal facto diferencia verdadeiramente os contextos espaciais de uso da cerâmica campaniforme impressa, dita “clássica”, no Crasto.

Ainda no que respeita às sequências estilísticas, importa salientar, porém, que ao contrário daquilo que se verifica no Recinto Superior, nos contextos pré-históricos (preservados) do Recinto Inferior não é viável nem aceitável estabelecer do ponto de vista estratigráfico “momentos estilísticos”, ou seja, não é possível identificar sequências construtivas ou estratigráficas com base na caracterização da morfologia e da decoração da cerâmica, o que poderia isolar “momentos” mais conservadores. Em todos os contextos do Recinto Inferior leste há um convívio muito equilibrado em termos percentuais entre estilísticas tradicionais e estilísticas evolucionadas (Amorim, I., 1999 e Barbosa, M.H., 2015). Se, pelo contrário, podemos fazê-lo no Recinto Superior, tal facto suporta também, a nosso ver duas explicações, não excludentes, mas, outrossim, complementares. Por um lado, o Recinto Superior seria realmente mais antigo que o Inferior (facto a que as datas absolutas também parecem dar suporte), manifestando-se ali uma estilística cerâmica mais conservadora, porque mais antiga. Por outro, decorrente em parte da anterior, teria havido uma maior estabilidade arquitectónica e menos dinamismo construtivo e reformulativo desta área. Pelas características naturais e arquitectónicas do Recinto Superior e pelas particularidades ao nível da estilística cerâmica, acreditamos que este seria um espaço reservado a práticas sociais especiais, sazonais ou calendarizadas, sendo de admitir por isso uma lógica construtiva diferenciada nesta área, possivelmente mais conservadora. Mas essa diferenciação, fazemos notar, não se verifica em quaisquer outros aspectos das materialidades exumadas (moinhos, percutores, adornos, instrumentos de cobre ou mesmo macrorrestos), nem mesmo nas práticas de deposição, que abrangem tanto o Recinto Superior como o Inferior.

Com efeito, o leque cronológico do Recinto Inferior na sua zona leste - 2700 a 2500 AC (média cumulativa a 2 σ) - corresponde sumariamente ao intervalo que inscreve a cronologia absoluta campaniforme do Recinto superior (Fig. 10 e Quadro 2). Nesta base, e com a devida cautela, motivada pelas margens de erro das datas de C14, podemos colocar como hipótese muito viável, a fundação da mega construção que é o Crasto calcolítico ainda no primeiro quartel do 3º mil. AC, tal como referimos anteriormente.

Não descartando as propostas anteriores devemos adiantar que, como uma de nós (MJS) já fez notar em anteriores publicações, o Crasto não seria um local de habitação permanente, ou seja, “um povoado” na sua acepção mais clássica, admitindo, contudo, que dada a necessidade de contínua manutenção e restauro de arquitecturas, aí pudesse permanecer, de modo contínuo, um pequeno grupo de pessoas durante todo o ano. Seria antes um local de agregação regional. Ad-

mite-se assim, e de igual modo, que os seus diferentes espaços, não tivessem sido de “ocupação contínua”, não interrompida, ao longo de cerca de um milénio, mas antes que as diferentes áreas poderiam ter tido elas próprias “uma biografia” ocupacional, inscrita na dinâmica de povoamento regional (onde pontuam povoados, abrigos com pintura e/ou destinados a funções comunitárias calendarizadas, percursos, campos cultivados) e nas diferentes funções, papéis e performances que o Crasto ia desempenhando nesse processo histórico de longa duração. Esta interpretação (a não ocupação de forma continuada de todas as áreas) tem sido, aliás, defendida para outros recintos peninsulares e europeus, pelo que não constitui uma situação isolada, relativa a estes grandes locais agregadores de populações à escala regional.

3. DISCUSSÃO. CONTEXTOS COM CAMPANIFORME NO NORTE DE PORTUGAL/BACIA DO DOURO

3.1.

Relativamente ao norte de Portugal/ baixa bacia do Douro, a análise do Quadro 4 e mapa da Fig. 16 permite desenvolver algumas ideias que importa reter. Trata-se de uma região com uma grande diversidade geomorfológica e climática, mas pode ser sintetizada em duas “geografias”: uma litoral, atlântica, e outra interior, continental.

Contabilizaram-se 55 sítios com cerâmicas campaniformes, que podem globalmente ser divididos em duas grandes categorias: sítios funerários – dólmenes, mamoados e *cairns* (34 casos), e sítios não funerários – povoados, recintos monumentais, recintos de fossos, abrigos / grutas e outros sítios de difícil caracterização (21 casos). A opção de circunscrevermos o nosso estudo unicamente a estas duas categorias assenta em grande medida na importância que os contextos funerários tiveram no quadro das relações sociais e simbólicas desde o 5º e 4º mil. AC, devendo por isso ser enfatizados. Por outro lado, há uma variabilidade tipológica muito grande entre os contextos não funerários. Optámos assim por não os subdividir em sítios domésticos e sítios cerimoniais por reconhecermos que muitos deles desempenharam múltiplos papéis e tiveram variadas funções em simultâneo, pelo que seria muito redutor categorizá-los dessa forma. Os próprios sítios funerários terão sido, também, palco de acções de cariz ritual que não se relacionariam somente com a deposição de cadáveres ou de parte deles, mas também de artefactos. Além do mais, tendo em conta a multiplicidade de práticas sociais conectadas com cada um dos sítios, algumas das quais até decorrentes da sua própria longevidade e biografia, esta é uma forma de organização que permitiria a sua mais imediata comparação com outros sítios e materiais publicados por outros autores.

Feita a análise do Quadro 4, destacamos o que se segue.

Se é verdade que existe uma maior concentração de sítios arqueológicos com campaniforme no litoral, à semelhança do que se verifica noutras regiões peninsulares (como na Galiza, onde se contabilizam hoje mais de cem sítios arqueológicos com cerâmicas campaniformes), tal facto deve-se a um maior investimento em obras públicas que levam a uma também maior intervenção da designada Arqueologia de salvaguarda. Contudo, à medida que aumentam as escavações em área em sítios do interior, verificamos que a presença de cerâmica campaniforme nestes sítios regista frequências muito semelhantes às da área litoral (o que se verifica também na Galiza interior), levando-nos a acreditar que a dispersão do campaniforme tende a ser regular, ou então que não vislumbramos ainda tendências claras na dispersão geográfica. Assim, por ex., a prospecção sistemática, sondagens e escavações realizadas na província de Orense (e noutras províncias) relacionada com a instalação do gasoduto Coruña-Vigo, revelaram uma inusitadamente elevada den-

sidade de sítios com campaniforme, merecendo destaque até vários daqueles que se relacionam com arte rupestre gravada (arte atlântica e esquemática) (por ex. Fraga das Ferraduras, Amoeiro) (Seoane-Veiga, Y., Prieto-Martínez, M.P. & Dal Zovo, C., 2013). Porém, no território a oriente do rio Tua, mesmo tendo sido ali feitas diversas escavações arqueológicas em *open area*, e mesmo prospecção sistemática na área inundada pelo albufeira do rio Sabor (ex. Pido, Vale da Bouça, ou mesmo Crestelos)¹², não se identificou cerâmica campaniforme. Estilísticas tradicionais, ou então híbridas / imitações de Ciempozuelos/ Palmela, estão presentes na Lorga de Dine, a par de alguns artefactos metálicos (Sanches, M.J. 2018, no prelo). Outras estações revelaram igualmente artefactos que noutras paragens se associam ao campaniforme “mais tardio”, como um punhal, uma ponta de Palmela, um machado plano e um anel em osso nas grutas do vale do Angueira, Miranda do Douro, embora aqui se façam acompanhar de cerâmica impressa penteada simples, característica do período regionalmente “mais arcaico” (Sanches, M.J., 1992).

QUADRO 4

Sítio arqueológico	Concelho	Tipologia	Estilo campaniforme	Ref. bibliográfica
Mamoa 1 da Portela Do Pau	Melgaço	Dólmen sem corredor	Marítimo: linear; geométrico	Jorge <i>et alli.</i> , 1997
Mamoa 3 da Portela do Pau	Melgaço	<i>Tumulus</i> sem estruturas megalíticas	Geométrico	Jorge <i>et alli.</i> , 1997
Dólmen da Barrosa	Caminha	Dólmen de corredor	Geométrico (?)	Jorge, 1986; Cruz, 1992
Mamoa de Aspra	Caminha	Mamoa/ <i>tumulus</i>	Marítimo: de bandas; geométrico	Cruz, 1991
Chã de Arcas 1	Arcos de Valdevez	Mamoa/ <i>tumulus</i>	Marítimo: linear	Jorge, 1986; Cruz, 1992
Dólmen da Pedreira/S. Romão do Neiva 1	Viana do Castelo	Dólmen de corredor	Marítimo	Bettencourt, 2009
Mamoa de Eireira	Viana do Castelo	Dólmen de corredor	Marítimo: de bandas	Cruz, 1992; Bettencourt, 2011
Mamoa de Chafé	Viana do Castelo	Dólmen sem corredor	Marítimo: de bandas	Jorge, 1986; Cruz, 1992; Silva, 2003
Mamoa do Carreiro da Quinta	Vila Verde	Dólmen sem corredor	Geométrico	Sampaio <i>et alli.</i> , 2013
Alto da Maronda	Vila Verde	Mamoa/ <i>tumulus</i>	Marítimo: geométrico	Bettencourt, 2011
Antela da Portelagem	Esposende	Dólmen de corredor	Geométrico	Bettencourt, 2009; Bettencourt, 2010
Bouça do Rapido 3	Esposende	Dólmen de corredor	Marítimo	Bettencourt, 2009
Lugar de Vargo	Fafe	Funerário ???	Geométrico	Bettencourt, 1991/92
Mamoa de Guihabreu	Vila do Conde	Mamoa/ <i>tumulus</i>	Marítimo: linear	Jorge, 1986; Cruz, 1992

¹² Informação de Rita Gaspar (a quem agradecemos), no decurso dos trabalhos de campo e de estudo dos materiais.

Mamoa 2 do Leandro	Maia	Dólmen de corredor	Marítimo: de bandas (C/ZM)	Valera & Antunes, 2008; Bettencourt 2010; Harrison, 1977
Mamoa 5 do Leandro	Maia	Dólmen de corredor	Marítimo: linear	Bettencourt, 2010; Bettencourt, 2011
Chã do Carvalhal 1	Marco de Canaveses	Mamoa/ <i>tumulus</i> com câmara de tipo cista	Marítimo: geométrico; inciso; Palmela; não decorado	Jorge, 1986; Cruz, 1992
Dólmen 1 de Chã Parada	Baião	Dólmen de corredor	Marítimo: linear; geométrico	Jorge, 1986; Cruz, 1992
Mamoa de Vale de Juros	Baião	Dólmen sem corredor	Geométrico	Cruz, 1992; Carneiro <i>et alli.</i> , 1987
Mamoa de Outeiro de Ante 2	Baião	Dólmen sem corredor	Geométrico	Jorge, 1986; Cruz, 1992
Monte Maninho/ Mamoa de Chã do Carvalhal 3	Baião	Dólmen sem corredor	Geométrico	Cruz, 1987
Mamoa 1 de Madorras	Sabrosa	Dólmen de corredor	Marítimo: linear; geométrico [Ciempozuelos/ Palmela (?)]	Jorge, 1986; Cruz, 1992; Gonçalves & Cruz, 1994
Mamoa Estante 2	Alijó	Mamoa/ <i>tumulus</i> (com câmara de tipo cista?)	Marítimo: geométrico (?)	Nunes, 2003
Mamoa 2 de Carvalhelhos	Boticas	Mamoa/ <i>tumulus</i>	Inciso	Jorge, 1986; Cruz, 1992
Mamoa 1 de Carvalho Mau	Castelo de Paiva	Mamoa/ <i>tumulus</i>	Marítimo: geométrico (?)	Silva, 1995
Orca de Seixas	Moimenta da Beira	Dólmen de corredor	Marítimo: de bandas	Cruz, 2001:185
Monumento 1 do Rapadouro	Vila Nova de Paiva	Mamoa/ <i>tumulus</i> com câmara de tipo cista	Geométrico	Cruz, 2001: 183-185,196
Monumento 3 do Rapadouro	Vila Nova de Paiva	Mamoa/ <i>tumulus</i> com câmara de tipo cista	Marítimo: linear	Cruz, 2001:
Castonairas 1 (Orca das Castonairas)	Vila Nova de Paiva	Dólmen de corredor	Marítimo: linear; não decorado	Senna-Martinez & Pedro, 2000; Cruz, 2001:185
Dólmen 1 de Chão de Brinco	Cinfães	Dólmen de corredor	Marítimo	Senna-Martinez & Pedro, 2000
Orca de Pendilhe	Vila Nova de Paiva	Dólmen de corredor	Geométrico	Cruz, 2001:185

Orca do Porto Lamoso ou dos Moinhos de Rua	Vila Nova de Paiva	Dólmen de corredor	Marítimo: de bandas e linear	Cruz, 2001; Gomes & Carvalho, 1993
Orca de Forles	Satão	Dólmen de corredor	Marítimo: de bandas	Cruz, 2001:185,
Penedo do Com	Penalva do Castelo	Dólmen de corredor	Marítimo: de bandas	Gomes & Carvalho, 1993
Castelo de Fraião	Valença	Povoado (?)	Marítimo: linear (?)	Almeida <i>et alli.</i> , 1995
Monte da Penha	Guimarães	Povoado (?)	Geométrico	Sampaio <i>et alli.</i> , 2009; Bettencourt, 2011
Estela	Póvoa do Varzim	Povoado	Não decorado	Bettencourt, 2011
Bouça da Cova da Moura	Maia	Recinto megalítico (?)	Geométrico; inciso	Bettencourt, 2010a; Bettencourt <i>et alli.</i> , 2012
Leandro 3	Maia	Povoado (?)	Geométrico	Bettencourt, 2011
Forca	Maia	Recinto de fossos	Cordado misto (C/ZM)	Bettencourt, 2010a; Bettencourt, 2011
Tapado da Caldeira	Baião	Povoado	Marítimo: linear; geométrico; inciso (Ciempozuelos)	Jorge, 1980; Cruz, 1992
Pedreira	Alijó	Povoado	Marítimo: linear/ de bandas (?)	Inédito. Inf. de Joana C. Teixeira
Regadas	Alijó	Povoado	Marítimo: de bandas	Inédito. Inf. de Joana C. Teixeira
Pastoria	Chaves	Povoado	Marítimo: linear; geométrico; estilos locais; não decorado	Jorge, 1986; Cruz, 1992
Crasto de Palheiros	Murça	Recinto murado	Marítimo: linear e de bandas; geométrico; inciso	Sanches (ed), 2008; Barbosa, 1999
Chã das Lameiras	Moimenta da Beira	Povoado	Marítimo: de bandas; geométrico	Cruz, 2001:388 e Fig. 56 do vol. II
Tambores (ou Castelo Velho III)	Vila Nova de Foz Côa	Povoado (?)/ recinto murado (?)	Marítimo: linear; inciso	Museu do Côa, em linha
Castanheiro do Vento	Vila Nova de Foz Côa	Recinto murado	Marítimo: linear; geométrico	Jorge <i>et alli.</i> , 2002; inf. de João Muralha e Ana Vale
Castelo Velho de Freixo de Numão	Vila Nova de Foz Côa	Recinto murado	Cordado (AOC)	Jorge, 2002
Castelão I	Figueira de Castelo Rodrigo	Povoado (?)/ Recinto(?)	Inciso	Museu do Côa, em linha

Fraga da Pena	Fornos de Algodres	Recinto murado	Marítimo: de bandas; não decorado; estilos locais	Valera, 2007
Buraco da Pala	Mirandela	Outros: abrigo sob rocha	Estilos locais	Sanches, 1997
Lorga de Dine	Vinhais	Outros: gruta	Estilos locais	Sanches, 2017 (no prelo)
Castelo de Aguiar	Vila Pouca de Aguiar	Outros: povoado	Estilos locais	Jorge, 1986
S. Lourenço	Chaves	Outros: povoado	Estilos locais	Jorge, 1986

Quadro 4: Sítios arqueológicos com cerâmica campaniforme do norte de Portugal/bacia do Douro.

Em qualquer das áreas a cerâmica campaniforme continua a ser escassa, não só em número de sítios arqueológicos, como também em termos de quantidades de recipientes ou mesmo fragmentos em cada um desses sítios.

Havendo um evidente desequilíbrio na proporção entre as duas categorias de sítios (funerários e não funerários), acreditamos que tal facto se deva sobretudo a um maior número de sítios funerários escavados (pois, afinal, exigem menos “investimento” que os povoados).

Os sítios de natureza funerária subdividem-se em três classes: dólmenes com câmara ortostática, com ou sem corredor (com segundas ou mais reutilizações) (65% dos casos); mamoaas em geral (26%), não sendo ainda possível confirmar com exactidão a sua cronologia¹³; mamoaas com câmara de tipo cista (9%).

A desproporção, claramente visível, entre dólmenes (de várias tipologias) e pequenos *tumuli* revela uma selecção preferencial pelos contextos tumulares tradicionais, mais visíveis, remetendo tal comportamento para a apropriação da ancestralidade identitária milenar das diferentes comunidades em apreço (e que tenderia a ter mais expressão nos monumentos mais visíveis de cada necrópole). Contudo, é necessária alguma reserva ao assumirmos esta suspeita uma vez que são ainda raros os monumentos escavados de pequenas dimensões, à excepção de projectos de investigação em necrópoles com megálitos funerários e *tumuli* diversos, como é o caso da Serra da Aboboreira ou o Alto Paiva.

Em apenas um dos contextos tumulares se identificou conexão evidente entre o monumento e o enterramento (de um ou mais indivíduos) tipicamente campaniforme: a Mamoa de Chã de Carvalho 1. Esta patenteia uma estratigrafia construtiva e de uso coerente com os diferentes elementos “clássicos” campaniformes, designadamente 11 vasos cerâmicos, cinco pontas de Palmela e dois punhais, tendo estes últimos metais sido depositados individualmente e de modo organizado, na mamoa, durante a sua construção (Fig. 21). Há, assim, uma óbvia consonância das tradições construtivas locais com modelos de artefactos de ampla circulação regional e extra-regional, não sendo possível atestar com segurança se o mesmo é válido em Estante 2, no Lugar de Vargo e na Mamoa 2 de Carvalhelhos. À excepção destes sepulcros, os restantes terão sido construídos maioritariamente durante o Neolítico Médio-Final.

Destaca-se também, no conjunto de sítios não funerários, a sua grande diversidade: 36% são povoados abertos, 28% são recintos (murados e de fossos), 9% referem-se a grutas/ abrigos

¹³ Pois a maior parte dos dados provém de prospecções e, no noroeste peninsular, tal como na Beira Alta, constroem-se mamoaas de todos os tamanhos durante o 4º mil. AC, sendo estas de dimensões tendencialmente mais reduzidas (com ou sem estruturas ortostáticas no interior) no 3º / inícios do 2º mil. AC).

e 28% correspondem a sítios não caracterizáveis, uma vez que não se procedeu aí a escavações arqueológicas.

O Crasto de Palheiros e a Fraga da Pena sobressaem por apresentarem maior diversidade de estilos decorativos (tal como a Mamoa de Chã de Carvalhal 1). Ainda que, aparentemente, haja maior diversidade de estilos decorativos nos contextos não funerários, é preciso ter em conta que nestes as áreas escavadas são geralmente maiores e que a quantidade de materiais arqueológicos nos contextos funerários do norte de Portugal, tende a ser exígua, o que poderá contribuir para a desproporção verificada. Porém, na Beira Alta já os monumentos exibem mais espólio, e, como bem fez notar Valera (Valera, A.C., 2017), continua a cerâmica campaniforme a ser escassa. Por sua vez, na Galiza, ainda que a cerâmica campaniforme seja mais frequente em contextos de cariz não funerário, a escavação do Dólmen de Dombate e sua área envolvente, revelou 37 recipientes, dos quais 18 associados ao monumento mais tardio, e 19 recolhidos na escavação da área circundante (Bello-Diéguez, J.M., Lestón Gómez, M., Prieto-Martínez, M.P. 2013:25), destacando-se esta estação pela elevada diversidade decorativa. Este facto aponta então no sentido de que têm vindo a ser escavadas zonas muito restritas dos dólmenes, devendo a sua área envolvente ser considerada por ter vindo a revelar, em diversos casos, estruturas relacionadas com a construção e uso funerário, ou somente cerimonializado, dos dólmenes. Com todas estas reservas, e se considerarmos o número de recipientes envolvidos, podemos assumir, a título de hipótese, que a cerâmica campaniforme terá expressão bastante sóbria nos contextos funerários do norte de Portugal, Beira Alta e algumas regiões (do interior) da Galiza.

A análise aos contextos, bem como a associação das cerâmicas campaniformes com outros artefactos, confirma o campaniforme como material de excepção tanto nos monumentos funerários como no resto dos sítios. Nos recintos de Crasto de Palheiros e Fraga da Pena (Fig. 17), por exemplo, amplamente escavados, reconheceram-se contextos cerimoniais evidentes, confinados a áreas específicas, reservadas e bem definidas espacialmente (as suas plataformas topográfica e arquitectonicamente soerguidas). Também se registaram povoados abertos que poderão ter integrado áreas particulares onde práticas sociais de tipo ritual se desenvolveram, como é o caso do “esporão” da Pastoria (Jorge, S.O., 1986: 463; Sanches, M.J. & Barbosa, M.H., 2018, no prelo) (Fig. 18), ou mesmo o da plataforma das Regadas (Teixeira, J., 2018). Assim, a manipulação do campaniforme em sítios multifuncionais parece ter sido apartada das restantes áreas, como acontece noutros sítios plurifuncionais de grande extensão, de que damos somente o exemplo de alguns recintos de fosso da região de Madrid — Camiño de la Yeseras e El Ventorro (Ríos, P., 2013:105-106), de Valencina de la Concepción (Sevilha), Perdigões (Valera, A.C., & Basílio, C., 2017), ou do recinto murado de Leceia (Oeiras) (Cardoso, J.L., 2017). Porém, não defendemos que seriam somente as cerâmicas campaniformes a deterem significado social e identitário, havendo que perscrutar outros materiais/artefactos que, local ou regionalmente, teriam valor social destacado ou destacável em certas ocasiões.

A deposição de recipientes (e/ou fragmentos) parece ter integrado as práticas sociais destas comunidades, tendo-se identificado na Fraga da Pena, no Crasto de Palheiros e Pastoria (de campaniforme e de outras tipologias), e em Castelo Velho (somente de outras tipologias) (Mcfadyen, L., 2016), embora, como é evidente, não defendamos que assistiria o mesmo significado a todos eles. Portanto, a deposição de unidades completas ou parcelares não seria exclusiva dos locais de enterramento, revelando comunidades analógicas que incorporam os sentidos sociais e do território nas suas diversas arenas de negociação comunitária e estas “arenas” seriam muito diversas. Os elevados graus de fragmentação e a quantidade considerável de fragmentos “órfãos” de campaniforme que se registam na generalidade das estações do norte de Portugal indiciam,

embora não assegurem, uma circulação não restrita aos vasos como unidades, mas também aos seus fragmentos, que remeteriam para essa unidade. Porém, este aspecto da investigação, não sendo objecto específico deste texto, deverá vir a ser comprovada, ou argumentada em bases mais concretas, em trabalhos futuros. Na realidade, a não ser em contextos fechados, esta trabalhosa investigação, por não apresentar resultados imediatos, ou por apontar somente tendências, pode conduzir à desmobilização analítica, sobretudo se tal obrigar ao estudo de colecções muito grandes.

No Crasto de Palheiros, se atendermos às diferentes expressões que a cerâmica campaniforme apresenta no registo arqueológico, e não somente no espaço que ocupam, estamos em crer que se podem relacionar com práticas sociais conectadas especificamente com o seu uso e deposição (Sanches, M.J. & Barbosa, M.H., 2017). Admite-se, assim, por um lado, a sua utilização em contextos relacionados com práticas de comensalidade (que têm sempre as suas normas e significados) na área leste e, por outro lado, a sua integração em acções de deposição intencional, ou mesmo como material de construção, na área norte. Porém, tendo em conta o elevado grau de destruição e/ou alteração dos contextos calcolíticos da área norte, temos de admitir outras possibilidades de manipulação da cerâmica campaniforme para além da sua integração nas acções de condenação da plataforma pois os fragmentos, antes de serem “depositados”, por ex., no Empedrado, poderiam ter feito parte da panóplia da “louça de excepção” deste local. Na realidade, embora aqui, e ao contrario da área leste, quase não tenham sido exumados ossos de animais (somente restos vestigiais de ovelha/cabra) (Sanches, M.J., 2016), tal facto pode dever-se aos hábitos de consumo de carne e/ou à manipulação e ingestão ali de outros produtos agricultados ou colectados. O significado social, mas sempre transcendente, do que é consumido em conjunto, decorre de normas ou preceitos comunitários¹⁴, não tendo necessariamente de ser a carne o elemento definidor da refeição desenvolvida de modo ritualizado. Ainda que o estudo dos macrorrestos ainda esteja em fase de estudo, algumas amostras do nível de ocupação [Grupo Estratigráfico 5, relacionado com as lareiras], evidencia o consumo de cereais (trigo e cevada). Ora, são precisamente os cereais e as leguminosas (fava) que, além da bolota e fazem parte do local de consumo colectivo e de destruição cerimonializada do Abrigo do Buraco da Pala, como defendemos noutra lugar (Sanches, M.J., 2016).

3.2.1.

A análise estilística permite-nos identificar, no território considerado, os grupos que se seguem.

Marítimo (variante internacional e variante linear) – Este é, globalmente, o estilo predominante, sendo que nos contextos funerários existe em proporção idêntica à do pontilhado geométrico: 19 estações arqueológicas. No total dos sítios não funerários, por sua vez, 10 registaram a presença deste estilo decorativo. Ambas as variantes estão presentes em proporções iguais ou muito idênticas, quer nos sítios funerários, quer nos não funerários (Fig. 14-2;15-2, 3; 17-2; 19).

Pontilhado geométrico – Há uma diversidade grande de organizações decorativas dentro deste estilo, sendo por vezes de admitir a sua vinculação aos Complexos Palmela/ Ciempozuelos. Tal como o grupo anterior, encontra-se amplamente distribuído pelo território que estamos a analisar, estando representado em 55% da totalidade dos sítios funerários, uma proporção consideravelmente superior àquela que se verifica nas estações não funerárias, 33% (10 sítios) (Fig. 13- todos os fragmentos; Fig. 14-1, 2, 4, 5; Fig. 15-1, 4; Fig. 18-1, 2, 3, 4).

¹⁴ Basta ler, por ex., alguns Livros de comunidades mais antigas, como o Levítico (Antigo Testamento dos cristãos, pertencendo também, naturalmente, aos Judeus).

Campaniforme inciso - Palmela / Ciempozuelos – bastante raro, este estilo foi identificado em três estruturas tumulares e num sítio não funerário (Fig. 13, topo).

Estilos locais – São recriações locais de campaniforme, que admitem grande variedade e conciliam formas ou decorações de tradição local com os elementos alógenos, de circulação extra-local. Identificámos três tipos de estilos locais bem definidos: i) recipientes de forma acampanulada (ou não, podem ser taças abertas ou, no caso do recipiente da Pastoria, uma forma de tipo Acebuchal) com decoração impressa penteada, por norma segundo uma organização aditiva, geralmente com pastas de boa qualidade e com superfícies bem cuidadas (Fig. 18-5). Estas decorações distribuem-se por vários sítios do norte de Portugal, porém, aqui consideramos unicamente aquelas associadas ao campaniforme “clássico” (Fig. 21- 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8); ii) recipientes com a decoração incisa de tipo [I1a], uma imitação ou reprodução local do estilo Ciempozuelos/Palmela, presente no Buraco da Pala, Crasto de Palheiros e Salto-Murça¹⁵; esta decoração convergente para o fundo também está presente segundo outras configurações (Fig. 20-9); iii) recipientes com decoração incisa e impressa em ziguezague horizontal, à semelhança dos estilos Ciempozuelos/Palmela, e presente na Lorga de Dine, Crasto, Pastoria, S. Lourenço e Castelo de Aguiar (Fig. 20.11 e 20.12.); iv) Recipientes com motivos ungulados, impressos, realizados com as unhas do polegar ou do indicador, que se distribuem por todo o corpo do vaso de forma aparentemente aleatória, estando presente unicamente na Fraga da Pena e no Crasto de Palheiros (Fig. 14.3 e Fig. 17.3 a 17.5). No que respeita aos locais funerários, os estilos locais somente se identificaram em Chã de Carvalhal 1, mas aqueles surgem em seis sítios não funerários, numa proporção assinalável.

AOC e C/ZM – à semelhança do que acontece na totalidade do território peninsular¹⁶, também no norte de Portugal/ Beira Alta o estilo cordado é extremamente raro, encontrando-se apenas em duas estações arqueológicas, de natureza não funerária: Castelo Velho de Freixo de Numão, no interior (AOC), e Forca (campaniforme cordado-misto-C/ZM), no litoral.

Campaniforme liso – Trata-se de formas acampanuladas sem qualquer tipo de decoração. É difícil reconhecer recipientes campaniformes lisos se estes se encontrarem muito fragmentados (o que é frequente). Ainda assim, identificaram-se campaniformes lisos em dois sítios funerários e em três não funerários (Fig. 18-6).

Para além da grande diversidade observada nos estilos locais, a distinção entre os diferentes grupos neste território, particularmente na área mais interior, nem sempre é clara, uma vez que há nitidamente cruzamento de diferentes estilos decorativos, permitindo ver nesta região traços característicos muito distintivos no que toca à originalidade com que as comunidades locais assimilaram o campaniforme. De facto, a análise do Quadro 4 permite-nos observar que é nos sítios da região interior (Pastoria, Crasto de Palheiros, Fraga da Pena, Buraco da Pala, Lorga de Dine, Castelo de Aguiar, S. Lourenço) e, em muito menor grau no litoral interior (Chã de Carvalhal 1), que a originalidade dos estilos locais mais se evidencia, registando-se uma diversidade grande de formas de reinterpretação ou reprodução do campaniforme clássico, o que se verificou também no território galego (Prieto-Martínez, M.P., 2011). Convém referir, porém, que a generalidade destes sítios integrou projectos de investigação, tendo sido alvo de extensas campanhas de escavação e nos quais se procedeu ao estudo sistemático dos seus conjuntos cerâmicos, o que poderá ter

¹⁵ Trata-se de um sítio inédito (muito próximo do Crasto de Palheiros) de modo que ainda não figura nos quadros. É um castro romano ocupado previamente no Calcolítico, tendo sido recolhidas aí cerâmicas com esta técnica e organização decorativa.

¹⁶ Conhecem-se na Galiza cinco casos de sítios com cerâmica cordada (três casos de AOC e outros dois de C/ZM), associados, pelo menos nos povoados de A Fontenla e Gandaras de Budiño, a outros estilos campaniformes (Suarez-Otero 2011). Também se identificaram em estruturas tumulares - Forno dos Mouros (C / ZM), Monte de Marxos (AOC) - e, no quinto caso - Arca dos Penedos (AOC), num contexto difícil de classificar, uma vez que se trata de uma descoberta casual. Considerados na sua totalidade, contabilizam-se quatro casos de AOC e três de C/ZM no noroeste peninsular.

potenciado a identificação destas características. Na área mais litoral não estão os conjuntos cerâmicos dos povoados tão bem caracterizado, sendo de referir, outrossim, que nas alargadas escavações do Recinto de Fossos da Forca (Maia), o único fragmento campaniforme se associa a cerâmicas do fundo Neolítico/Calcolítico, com particular ênfase para a cerâmica com decoração de triângulos e metopada, de tipo Penha, e nunca a estilísticas que imitem o campaniforme (Bettencourt, A., 2010a). Em todo o caso, a diversidade estilística do interior reflecte a interacção, quer com grupos do litoral, quer com grupos mesetenhos, evidenciada desde o 4º mil. AC tanto nos monumentos megalíticos como noutras materialidades (incluindo a arte rupestre). Importa então acentuar que não consideramos ser esta região mais interior uma área “marginal” à circulação, mais ampla, de pessoas e de artefactos (com realce para aqueles que remetem aparentemente para “estilos”/“formas” supra-regionais). Com efeito, recipientes com decoração oculada no Buraco da Pala (Mirandela), em S. Lourenço (Chaves) e no Crasto de Palheiros, a par dos painéis com uma destacada variedade de figuras oculadas na Serra de Passos- Abrigos 11 e 15- (Mirandela), ou nas estelas do Cabeço da Mina (tudo datável da primeira metade do 3º mil. AC ou mesmo de cronologia anterior) (Sanches, M.J., 2010; 2016b; Sanches, M.J, Morais, R. & Teixeira, J., 2016), evidenciam claras conexões com o interior, e mesmo sul da Península Ibérica. Acima anotamos já também as inusitadas e próximas semelhanças da decoração [XXV8] do Crasto com as de Valencina de la Concepción/ Calle de los Trabajadores, sendo de acrescentar que estas se associam também ali a uma imagética/ iconografia oculada, patente em vários “suportes” (como ídolos em barro e outros materiais mais raros, placas, sendo que uma destas é mesmo de ouro (Inácio, N. et alii, 2017; Garcia Sanjuán, L.; Scarre, C.; Wheatle, D., 2017).

Mas se esta diversidade existe ao nível da produção das cerâmicas, temos de admitir também, como hipótese, inovações relativas à sua manipulação no quadro da linguagem simbólica e social à escala local / regional. A variedade de contextos reflecte essa heterogeneidade de práticas sociais em que o campaniforme se inscreve, seguramente acentuadas pelo surgimento de novas arenas de performance social no 3º mil. AC (abrigos, recintos, áreas restritas no interior de povoados abertos), dando continuidade a processos de construção identitária que remontam ao Neolítico Médio-Final. Tal diversificação, que para nós é indicador claro da complexificação das relações intra e extra comunitárias, aponta para situações alternativas ou complementares de negociação de poderes, de consensos, de lideranças, todos estes exigindo renovação contínua por parte das comunidades em causa. E por poderes entendemos os variados tipos de poderes que emergem (decorrem) entre comunidades que ocupam milenarmente territórios agora submetidos a maior pressão pela intensificação de todas as práticas: agro-pastoris, extractivas e transformadoras. As comensalidades intracomunitárias e mesmo juntando comunidades vizinhas, com as normas sociais que lhe eram inerentes, nomeadamente em termos de restrição / acesso a tais práticas, configurariam e promoveriam distinções sociais nas quais emergiam e se consolidavam grupos, funções/“papéis” e mesmo lideranças. A negociação destes poderes e a procura de manutenção do *status quo* decorreriam por certo da repetição de actos/práticas de grupo, podendo manifestar-se igualmente (i) em situações de destruição de riqueza, como se pensa ter ocorrido, de modo repetido, no Buraco da Pala (I e II), (ii) no trabalho comunitário e continuado, por vezes durante vários séculos, como aquele que se exigiria na edificação, destruição, remodelação e manutenção de grandes recintos murados, de que são exemplo o Crasto de Palheiros, Castanheiro do Vento ou Castelo Velho de Freixo de Numão, ou (iii) no uso de uma panóplia particular de “louça” adequada às circunstâncias em apreço, e onde a estilística parece ter desempenhado um papel particular. Esta estilística e formas também poderia enfatizar/valorizar os, ou as, fabricantes, como grupo de manufactureiros/manufactureiras, ou como afirmação do seu estatuto (qualquer que fosse), mas estamos ainda algo longe de conseguir identificar com segurança tais vias interpretativas

que, apesar das dificuldades, devem ser perseguidas.

Não é possível estabelecer qualquer tipo de relação entre os diferentes estilos decorativos e as várias tipologias de monumentos funerários, pois quer os dólmenes quer as mamoadas em geral, mesmo as de menor dimensão, apresentam uma distribuição de estilos decorativos muito equilibrada, tendência observada igualmente nos contextos não funerários. Parece haver, no entanto, maior homogeneidade estilística nas estruturas tumulares do que nos povoados, como já se referiu (mormente devido ao mais elevado número de estilos locais nestes), mas é precoce afirmá-lo com segurança à luz dos escassos dados de que dispomos. Porém, não seria de estranhar que tal se verificasse no território que é objecto deste estudo, uma vez que essa tendência foi verificada também na Galiza (Prieto-Martínez, M.P., 2011) e Beira Alta (Valera, A.C., 2017). Assim, em termos de tendência, e com todas as reservas, parecem ser os contextos funerários tradicionais (dólmenes e mamoadas) a deterem estilos mais standardizados.

3.2.2.

Comparemos a região que estamos a estudar com a Galiza pois ambas formam o noroeste peninsular.

À semelhança daquilo que se verifica no território galego, nos nossos contextos associam-se três tipos de cerâmicas: cerâmica lisa, cerâmica com decoração campaniforme e cerâmica decorada não campaniforme (Prieto-Martínez, M.P., 2011). O incremento dos dados nesta última região permitiu reconhecer uma grande diversidade morfológica, tecnológica e estilística, tendo-se identificado uma evolução interna, temporal e contextual, na assimilação dos modelos campaniformes supra-regionais. Foi possível identificar, por um lado, os tipos europeus, ou Campaniforme Marítimo “clássico” (AOC, C/ZM, Marítimo variante linear, Herringbone e o Geométrico) por outro, os tipos regionais, que combinam características dos estilos europeus com os estilos tradicionais. A associação entre as diferentes tipologias determinou ali tendências estilísticas (identificaram-se quatro grupos), das quais importa reter as ideias que se seguem. A cerâmica dos megálitos é estilisticamente mais homogénea que a dos povoados, pois nos contextos funerários apenas se identificou uma tendência estilística, a 1, aquela em que os tipos europeus são predominantes. Todas as tendências estão presentes nos contextos domésticos. A tendência 1 (grupo constituído exclusivamente pelo campaniforme Marítimo “clássico”) marca presença sobretudo no restrito litoral e nos vales dos grandes rios. Este grupo é predominante, apresentando uma dispersão geográfica ampla e é aparentemente mais antigo – 2800 - 2500 AC (2^o cal.) (Prieto-Martínez, M.P., 2013, 221-222). As tendências 2 e 3 correspondem a grupos mais recentes (entre 2600-2000 AC), embora continuem a incluir recipientes campaniformes “clássicos”. Por sua vez, as decorações barrocas, estilisticamente mais distantes do campaniforme clássico (tendência 4), são bastante mais raras e desenvolvem-se sobretudo no interior. As poucas datações da região interior sugerem que estas corresponderiam, talvez, a uma etapa um pouco mais tardia do campaniforme (Prieto-Martínez, M.P., 2011).

Prieto Martínez propõe assim uma assimilação do campaniforme a partir da costa, seguindo também os vales dos grandes rios, e realizada de modo relativamente rápido. Em termos interpretativos o campaniforme redundaria numa estratégia de unificação social, marcada antes (Neolítico Final) pela heterogeneidade, a par da visibilidade, mormente nos monumentos megalíticos, de intenções de marcação clara de diferenciações sociais intracomunitárias, através de cerâmicas distintas e muito padronizadas (Prieto-Martínez, M.P., 2013: 234).

Contrariamente àquilo que se verifica na Galiza, no território português não é possível fazer uma leitura diacrónica dos processos de assimilação das estilísticas campaniformes uma vez que as cronologias que se conhecem demonstram um convívio entre os vários estilos decorativos e

morfológicos desde o primeiro momento em que surgem as cerâmicas campaniformes no segundo quartel do 3º mil. AC. As datas C14 sugerem que todos os estilos são *grosso modo* contemporâneos - o AOC, o Z/M, o pontilhado geométrico, o Palmela / Ciempozuelos e os campaniformes locais. As datas de C14 de que dispomos referem-se unicamente a contextos não funerários: Buraco da Pala, Crasto de Palheiros, Forca, Castelo de Aguiar e Fraga da Pena, todos eles, à excepção do sítio da Forca, localizados na região mais interior. Castelo de Aguiar não tem cerâmica campaniforme clássica, mas apenas formas locais (Fig. 10).

3.3.

No que concerne à localização temporal, os contextos com campaniforme podem ser enquadrados cronologicamente entre 2800/2700-1900/1800 AC na região em estudo, sendo que nos baseamos fundamentalmente nas datas provenientes do recinto da Forca, na área litoral, do Crasto de Palheiros, na bacia do Tua e da Fraga da Pena, no Alto Mondego (Fig. 10 e quadro 2). O campaniforme cordado (embora misto: C/ZM) está datado pelo C14 no recinto da Forca, mostrando assim coerência temporal com o campaniforme marítimo, o geométrico e até com os estilos incisivos locais no final do 2º quartel/meados do 3º mil. AC. Todos estes estilos se encontram assim em circulação no norte do país na primeira metade do 3º mil. AC, sendo mesmo de admitir, ante as datas do Crasto de Palheiros e Buraco da Pala, que essa presença conjunta se regista já no segundo quartel do 3º mil. AC. O campaniforme cordado de Castelo Velho parece estar numa mesma ambiência do vaso oculado, o que reforça a ideia de poderem remeter ambos, a nosso ver, para cronologias também antigas (Jorge, S.O., 2002b; Jorge, S.O & Rubinos, A., 2002; Sanches, M.J. & Barbosa, M.H., 2018, no prelo), similares às do Crasto, tal como argumentámos atrás.

Atendendo ao papel que a arqueologia tem atribuído à metalurgia do cobre (tanto às ligas como à tipologia dos instrumentos ou armas), devemos referir que desconhecemos as datas exactas da introdução de artefactos de cobre no norte de Portugal, mas estes parecem circular, de forma ainda incipiente, e com modelos pouco estandardizados, em contextos campaniformes e não campaniformes na primeira metade do 3º mil. AC, a par de outros objectos de excepção, como a variscite ou outros recipientes cerâmicos. No abrigo do Buraco da Pala (nível I, datado por C14) e na Lorga de Dine (sem datações) identificaram-se cerâmicas campaniformes de estilos locais (imitações), associadas a objectos metálicos pouco padronizados: machado e alcaraviz (que é, comprovadamente, a extremidade de fole de fundição de redução de cobre) no primeiro, e machado, cinzel e agulha, no segundo (Sanches, M.J., 2018, no prelo). Identificaram-se também no Buraco da Pala I adornos em ouro. Como Ana Bettencourt fez notar (Bettencourt, A., 2011) não temos dados nem datas absolutas que permitam associar com segurança metalurgias complexas e recipientes campaniformes, como se de um “conjunto” unitário se tratasse, entendido como a materialização de processos de complexificação social na primeira metade do 3º mil. AC. Já o mesmo não acontece na segunda metade do 3º mil. AC. Tanto em contextos funerários, de que é exemplo a Mamoa de Chã de Carvalhal 1, Orca de Seixas e possivelmente a de Rapadouro 3, como em povoados. A datas absolutas da Fraga da Pena e os contextos da Pastoria e da Mamoa de Chã de Carvalhal 1 apontam nesse sentido. Neste período o campaniforme associa-se com frequência a artefactos metálicos (cobre e ouro) mais padronizados, cuja tipologia e composição metálica são características de uma fase tardia do Calcolítico / Bronze. Artefactos metálicos foram exumados na Pastoria (faca, punhal, cinzel, punção), em Chã de Carvalhal 1 (dois punhais e cinco pontas de Palmela) e na Orca de Seixas (machado, ponta de Palmela em cobre e braçal de arqueiro em rocha) (Fig. 21). Assim, o eventual “pacote campaniforme”, que inclui cerâmicas e armas padronizadas, será provavelmente um fenómeno da segunda metade do 3º mil. AC na bacia do Douro inferior, embora, frisemos, não haja qualquer cronologia absoluta para esta associação.

Baseando-se no estado actual dos conhecimentos sobre a cronologia do campaniforme da Estremadura e do Alentejo, e apoiando-se também em datas de C14, em estratigrafia e em sequências tipológicas cerâmicas, J.L. Cardoso defende que a cerâmica campaniforme pode ser datada ali pelo menos do segundo quartel do 3º mil. AC (Cardoso, J.L., 2014), e o mesmo é defendido para o povoado de Alcalar (Sines) (Morán, E., 2017). Considerando os dados expostos e tendo em conta que estão atestadas relações estreitas, sobretudo na estilística cerâmica (por ex. Vinha da Soutilha I e II, cuja cronologia não ultrapassa os meados do 3º mil. AC), entre o norte de Portugal e a Estremadura, acreditamos que as mesmas cronologias devem ser consideradas no território que estamos a analisar.

Cronologias semelhantes são propostas por Suarez Otero para a Galiza (Suarez O., 2011) e por Prieto Martinez (Prieto-Martínez, M.P., 2011). É possível que vários dos campaniformes exumados nos dólmenes, simples ou de corredor, datem desse período, tal como foi proposto para o dólmen de Dombate - Coruña, onde o primeiro momento de ocupação, datado por C14, aponta para o intervalo de 2800 a 2500 AC, e o segundo para 2500 a 2200 AC (Bello-Diéguez *et alli* 2013, 29), mas devemos fazer notar que as datas associadas ao campaniforme, embora caiam nessa cronologia, provém da área circundante do dólmen.

Tal como no norte de Portugal, não é possível construir na Meseta, à luz dos dados atuais, uma evolução cronológica baseada no método tipológico-comparativo, pelo que uma maior antiguidade dos estilos pontilhados/ impressos relativamente aos incisos, não está confirmada. Só com base nas estratigrafias e datações absolutas é possível elaborar um eventual faseamento interno (Garrido Pena, R., 1995:132). Tem-se defendido na última década uma cronologia antiga para o estilo Ciempozuelos, bem como uma longa duração do “fenómeno” campaniforme: 2700-1700 AC (Delibes de Castro, G. & Val Recio, J., 2007-2008, 798, nota 1), o mesmo acontecendo com a região do Tejo interior (Bueno-Ramirez, P., Bermejo, R.B., Behrmann, R.B., 2017). De facto, tem sido mais por rotina e por precaução, e não pelo uso da cronologia absoluta, que muitos investigadores propuseram sistematicamente as cronologias das deposições em contextos funerários na segunda metade do 3º mil. AC

Por fim, a análise do quadro das datas absolutas quer do norte de Portugal quer da Galiza (Quadros 2 e 3; Fig. 10 e 11), permitem concluir que o uso das cerâmicas campaniformes se estende, pelo menos, por um milénio (de c. de 2800 a 1500 AC), embora muitos dos contextos galegos, apontados como mais tardios, devessem merecer um escrutínio assertivo, o que não tivemos ainda oportunidade de fazer. Fizemos figurar aquelas propostas por Prieto-Martinez, devendo ser adiantado que esta autora não define o campaniforme somente pela estilística cerâmica, mas pela ambiência social e material em geral, de escala regional, que inclui num período que apelida de “período campaniforme”. Abrange assim uma panóplia de cerâmicas e seus contextos (como vasos tronco-cónicos, com ou sem asa lateral) que, a nosso ver, podem ser de período mais recente.

4. PONTO FINAL. SÍNTESE DAS QUESTÕES DISCUTIDAS AO LONGO DO TEXTO

Este texto incide nos contextos com campaniforme do norte de Portugal/ bacia do Douro e compara-os com regiões vizinhas, particularmente com a Galiza, pelo que, em suma, versa sobre todo o noroeste da Península Ibérica. Após expor uma curta historiografia dos estudos nesta região, aborda criticamente o conjunto de sítios, dando ênfase aos que tem datas absolutas e estratigrafias bem conservadas. De entre estes destacou o Recinto Monumental Crasto de Palheiros quer devido ao facto de o conjunto das suas cerâmicas nunca ter sido publicado na sua totalidade, quer porque é esta a estação do norte de Portugal que revela tanto o maior número de fragmentos como de recipientes, como ainda pela qualidade de informação obtida na escavação a qual per-

mite relacionar os contextos campaniformes com a biografia do sítio arqueológico. Traça ainda o quadro de síntese sobre esta região, em conexão com a vizinha Galiza. Na discussão conclui pela longa duração de uso de cerâmicas campaniformes no Noroeste peninsular (c. de 2800/2700 a 1600/1500 AC) e, na medida em que desenvolve também a estilística formal e decorativa dos recipientes, levanta hipóteses interpretativas relativas à pluralidade de funções sociais que, nesta longa cronologia, a cerâmica campaniforme clássica e os estilos locais teriam cumprido em cada contexto local ou regional.

Assim, passamos a expor as interpretações/ deduções mais pertinentes.

O norte de Portugal/bacia do Douro conta com mais de meia centena de estações arqueológicas, a maioria das quais já publicadas até à viragem do milénio e na primeira década deste, surpreendendo assim que continue ausente das grandes sínteses peninsulares e europeias. Tendo publicado já um texto em língua inglesa (Sanches, M.J, Barbosa, M.H. & Vieira, A., 2017), e tendo outro no prelo (Sanches, M.J, & Barbosa, M.H., 2018 no prelo) queremos contribuir para reverter esta situação. A revista *Portvgalia* dá-nos a oportunidade de conferir mais desenvolvimento ao tema pela admissão de textos mais extensos e de mais figuras, prestando deste modo um contributo fulcral à arqueologia que não se compadece somente com artigos muito curtos e necessariamente mais sucintos.

Os contextos com campaniforme incluem aqui, tal como na Galiza, uma grande diversidade de sítios: de carácter funerário (sobretudo dólmenes e mamoaas); outros a que se atribui uma pluralidade de funções, desde povoados (ou áreas particulares destes), recintos murados e recintos de fossos, abrigos sob rocha e, na Galiza, possivelmente sítios com gravuras rupestres pré-históricas (Seoane-Veiga, Y., Prieto-Martínez, M.P. & Dal Zovo, C., 2013). Alguns autores da vizinha Galiza, como Prieto-Martínez (Prieto-Martínez, M.P., 2011, 2013), classificam muitos locais como cerimoniais (Quadro 3), denominação que não adoptamos pela dificuldade de identificar/ interpretar com a segurança exigida tais contextos no norte de Portugal. Contudo, fica claro que tais interpretações dos autores da Galiza, que não aplicam aos dólmenes (que são, a nosso ver os “sítios cerimoniais” por excelência), terão como objectivo mostrar que tais sítios serão lugares de uso não quotidiano, não rotineiro, mas antes destinados a práticas comunitárias específicas, de valor social relevante.

Mesmo assim, tanto no norte de Portugal como na Galiza, o número de sítios de natureza funerária parece ser ligeiramente superior aos restantes, embora os documentos arqueológicos apontem quase sempre no sentido de se tratar aí de segundas ou terceiras deposições. Somente num dos casos do norte de Portugal - a Mamoa de Chã de Carvalhal 1 (Serra da Aboboreira-Baião) podemos vislumbrar a perfeita sintonia de construções advindas do neolítico médio-final (dólmenes com mamoa e mamoaas) e a deposição funerária primeva, e única, no monumento, onde pontuam 11 recipientes cerâmicos de tipologia formal e decorativa muito diversa e deposições organizadas de metais.

Se é admissível que os conjuntos funerários campaniformes serão característicos da segunda metade do 3º mil AC (conquanto muitas vezes esta cronologia tenha sido atribuída por “tradição” e por paradigmas instituídos, mais do que por datações absolutas), os dados da escavação do dólmen de Dombate (Coruña) e sua área circundante, apontam não apenas no sentido de que as ocupações com campaniforme em torno dos monumentos megalíticos já se terão iniciado no segundo quartel do 3º mil. AC (tal como acontece noutros sítios não funerários), mas também que, em suma, temos andado a usar metodologias defeituosas na escavação dos dólmenes. As suas áreas envolventes mostram uma actividade assinalável, correlacionada sobretudo, como cremos, com práticas sociais naturalmente cerimonializadas, como se pôde verificar na necrópole de Chã

de Arcas (Vila Pouca de Aguiar)¹⁷, e Dombate.

Deste modo, se as nossas sistematizações e contabilizações mostram que, quando comparada com outros sítios, há menos quantidade de cerâmica campaniforme relacionada com monumentos funerários, essa conclusão é provisória e deve ser entendida no quadro destes condicionamentos metodológicos. Com efeito, do dólmen de Dombate provêm 18 recipientes e 19 da sua área envolvente.

Em todo o caso, o seu uso em dólmenes e mamoaas, monumentos que desde há mais de um milénio marcam a paisagem e a vida das gentes, impondo os ancestrais como referente (e objecto) da sua vida comunitária, remete para a continuidade de relações identitárias ancestrais. Ainda que essa continuidade material possa agora mascarar situações locais e regionais muito diferentes, que incluirão, cremos, mudanças de natureza diversa. Na realidade, durante a primeira metade do 3º mil. AC verifica-se regionalmente, e à semelhança de outras regiões peninsulares e europeias, uma grande diversificação de espaços e lugares de “negociação” comunitária (entendida na escala da organização política de sociedades predominantemente articuladas por diversos “laços de parentesco”), a par da criação de novos tipos de “lugares”, como os recintos monumentais (murados ou de fossos), como é o caso na nossa região, de Castelo Velho de Freixo de Numão, Castanheiro do Vento (ambos em Vª Nª de Foz Côa), Crasto de Palheiros (Murça), Castro de Santiago (este sem campaniforme) (Valera, A.C., 2007), ou mesmo de abrigos e grutas cuja ocupação se não pode relacionar com a vida rotineira, como Buraco da Pala I e II e Lorga de Dine (Sanches, M.J. 2018, no prelo). Em todos estes¹⁸ e ainda dentro dos povoados a que se atribui funções predominantemente rotineiras, do dia-a-dia (Pastoria - Chaves e Regadas - Alijó), tendem as cerâmicas campaniformes a ocupar espaços discretos, bem demarcados pela topografia e/ou arquitecturas, sejam de carácter durável ou perecível, de forma que é legítimo afirmar que as cerâmicas campaniformes não são, nestes locais, cerâmicas de uso comum, antes conectadas com usos e/ou circunstâncias especiais e específicas, sejam estas as de comensalidade (que tem sempre normas associadas), ou mesmo de deposição intencional (que responderá a rituais comunitariamente significantes). Todavia, o conjunto de todos os contextos com cerâmicas campaniformes em análise não permite que as submetamos a uma explicação unitária, tal como outros autores fizeram notar (Valera, A.C., 2017). Aliás, o longo período de uso destas cerâmicas (de mais de um milénio) desaconselha tal desiderato.

Na sequência da ideia anterior, e se atendermos à variabilidade dos contextos, onde devem ser considerados não somente os espaços, mas outrossim as relações com outros materiais, e mesmo ao número de recipientes em presença, não podemos afirmar linearmente que a cerâmica campaniforme desencadeia necessariamente, e à escala regional, processos similares de diferenciação social, nem sequer que confira uniformização às diferentes cerimonializações comunitárias; nem ainda que, como defende Prieto-Martinez para a Galiza, provocaria como que uniformização/homogeneização de referentes sociais, díspares por natureza no período pré-campaniforme .

O que os contextos, se abordados quanto aos espaços, às arquitecturas e às estilísticas de outras cerâmicas não campaniformes, mostram predominantemente é que a cerâmica campaniforme é adoptada localmente no seguimento de transformações já em curso, embora possa ter potenciado e direccionado essas transformações. Com efeito, nos dólmenes domina em segundas e

¹⁷ Escavações inéditas dirigidas por João Perpétuo (Empresa Arqueohoje) a quem agradecemos a oportunidade da visita ao local. Desconhecemos, contudo, se essas áreas terão campaniforme.

¹⁸ No Castro de Fornos de Algodores não há cerâmica campaniforme, tendo sido referido por constituir uma arena de negociação comunitária do início do 3º mil. AC. Castanheiro do Vento e Castelo Velho têm, como desenvolvemos neste texto, alguma cerâmica campaniforme, embora não a possamos ligar, sem margem para dúvidas, à primeira metade do 3º mil. AC, que é a época de fundação destes recintos.

terceiras deposições, inserindo-se em dinâmicas e tradições locais; no Crasto de Palheiros, embora coincida temporalmente com a ampliação do sítio (a criação do Recinto Inferior), insere-se nas práticas comunitárias que já teriam lugar no Recinto Superior (já construído e usado antes da presença campaniforme), conquanto estas possam ter agora adquirido um carácter mais cerimonializado. Na Pastoria e Regadas também se adapta às circunstâncias locais, quer do ponto de vista da continuidade de ocupação do mesmo espaço, quer mesmo da convivência com outras estilísticas cerâmicas. É provável, mesmo assim, que embora participando ainda de dinâmicas locais e regionais, tenha assumido um carácter decididamente de mais ruptura na Fraga da Pena (recinto monumental) - onde é realmente fundacional - ou na Mamoa de Chã de Carvalhal 1, sítios que, coincidentemente ou não, datam já da segunda metade do 3º/ inícios do 2º mil.AC. Outros contextos não se encontram tão bem datados.

Se até aqui falamos sobretudo de cerâmicas campaniformes clássicas (dos grupos marítimo/geométrico), devemos referir também as formas e estilísticas locais que traduzem tanto transfigurações/imitações de formas clássicas, como decorações do complexo marítimo e do Palmela/Ciempozuelos e que, conjuntamente com as clássicas campaniformes formam, a nosso ver, e com toda a propriedade, o conjunto das cerâmicas campaniformes.

É predominantemente nos locais não funerários que surge uma grande variedade de estilos locais, acompanhando, ou não, os estilos clássicos. Nesses estilos locais incluímos tanto formas como decorações, embora seja nas decorações que, à excepção da Fraga da Pena e Crasto de Palheiros, tais estilos locais mais se expressam, imitando, com técnicas decorativas tradicionais, as organizações decorativas tanto do campaniforme clássico/marítimo, como Palmela/ Ciempozuelos.

Para não repetir o que foi exposto ao longo do texto, diríamos tão só que a importância destas imitações/transfigurações é extremamente importante na região portuguesa mais interior, pois povoados como S. Lourenço (Chaves), Castelo de Aguiar (Vila Pouca de Aguiar), abrigo do Buraco da Pala (Mirandela) e Gruta calcária de Dine (Lorga de Dine-Vinhais), não exibem campaniformes clássicos, mas antes e somente estas transfigurações locais que marcam, pela quantidade relativa, todos os conjuntos cerâmicos em apreço. Porém, nos restantes (Pastoria, Crasto de Palheiros, Castelo Velho, Castanheiro do Vento e Fraga da Pena) há convivência dos estilos clássicos e destas transfigurações. Não se conhece em pormenor a situação dos povoados/recintos do litoral, mas tão-somente que as cerâmicas campaniformes clássicas tendem a acompanhar conjuntos cerâmicos tradicionais, dominados por cerâmica lisa e, dentro da decorada, pela metopada (de tipo Penha), como acontece no recinto da Forca (Maia) (Bettencourt, A., 2010a).

Ante esta analítica admitimos que, embora não represente uma ruptura, a cerâmica campaniforme foi suficientemente importante ao ponto de marcar regionalmente os conjuntos cerâmicos em uso, mormente se estes eram já dominados por cerâmicas muito decoradas (casos de todos os povoados da região de Chaves/ Vila Pouca de Aguiar, e na bacia do Tua, do Buraco da Pala e Crasto de Palheiros). Por sua vez, a cerâmica decorada da Fraga da Pena é quase toda campaniforme, o que sustem a ideia defendida atrás do carácter extremamente particular, de nível simbólico/cerimonial e socio-político, que as cerâmicas terão tido neste recinto.

No que respeita à estilística em si e à "origem" da cerâmica campaniforme, se as (raras) análises arqueométricas mostram tratar-se predominantemente de fabricos locais, elas mostram também alguma circulação regional (no que são acompanhadas de outras tipologias, como se verificou em Fraga da Pena (Valera, A.C., 2017). A variabilidade das formas e a maior estandardização nas decorações apelam também à circulação dos ou das fabricantes, no quadro das relações matrimoniais, tal como autores tem defendido.

Por fim, a circulação dos diferentes “estilos”, uns tidos como de origem marítima (campaniforme marítimo, com cordado, e Palmela), outros continentais, Ciempozuelos, circulam nesta região desde a primeira metade do 3º mil. AC, embora tenham mais expressão, pela quantidade, os que são tradicionalmente atribuídos a movimentos advindos do litoral, e em particular da Estremadura portuguesa. Porém, no Crasto de Palheiros (e na bacia do Tua) tem grande presença o conjunto de cerâmica fina que denominamos de campaniforme inciso (com vasos, malgas e taças), decorada segundo a organização [I1a], que consideramos imitações de Palmela/ Ciempozuelos. Este conjunto, e outras imitações de Palmela/ Ciempozuelos presentes tanto na bacia do Tua, como na região de Chaves e em Lorga de Dine, mostram que a região interior era percorrida por movimentos variados, uns com origem ou influência do litoral, outros interiores. Devemos ainda acrescentar que uma organização decorativa muito particular, OD [XXV8] tradicionalmente associada à variante geométrica, não existe no Noroeste peninsular a não ser no Crasto de Palheiros. Ora, embora sendo algo rara à escala peninsular, é bastante formalizada, e ocorre em longínquas paragens, como seja na região de Madrid/nascente do Tejo (Camino de las Yeseras), portanto na Meseta interior, e sul peninsular, na embocadura do Guadiana (Valencina de la Concepción), como comentámos no ponto 2. Mostraria assim, a nosso ver, quão diversificadas teriam sido as redes de intercâmbios diversos à escala peninsular, advindos quer do litoral, quer do interior, as quais já eram evidentes na região do Tua e Chaves no final do IVº e início do 3º mil. AC, tanto pela presença de cerâmica seguindo padrões similares aos da Estremadura portuguesa (na Vinha da Soutilha, Chaves, por ex.), como pela oculada; a pintura rupestre da Serra de Passos/ Sta. Comba, com similar imagética e as estelas “oculadas” do Cabeço da Mina (Sanches, M.J. 2010), concorrem no mesmo sentido.

Sem negar as relações do interior de Portugal com a Meseta, na realidade, não discernimos se os estilos locais, que denominamos de Palmela/ Ciempozuelos, serão transfigurações de uma ou outra destas estilísticas. Mesmo o campaniforme cordado de Castelo Velho – Foz Côa, não encontra paralelo próximo, geográfico, no interior peninsular, outrossim, em termos de distância, no litoral português, galego ou asturiano.

Mantêm-se assim em aberto as hipóteses de movimentações de pessoas e artefactos durante o 3º milénio AC, em redes difíceis e talvez impossíveis de vislumbrar no curto prazo, e que não se referem somente à cerâmica campaniforme, como temos vindo a expor. Contudo, a mobilidade de indivíduos desde longínquas paragens, embora pontualmente constatada - como em Camino de las Yesseras, Madrid, cuja relação genética com grupos do Norte de África, poderia explicar a presença ali de objectos de marfim de origem “africana” (Szécsényi-Nagy, A. *et alii*, 2017:80) -, nunca será de descartar.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos encarecidamente a João Fortuna Madureira e Rafael Morais a ajuda na elaboração das figuras. Manifestamos também a nossa gratidão aos revisores do texto pelos contributos que deram para o seu melhoramento.

Maria de Jesus Sanches e Maria Helena Barbosa integram o projecto UID/HIS/04059/2013 (FCT), que é também financiado pelo FEDER através do Programa COMPETE 2020 (POCI-01-0145-FEDER-007460).

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de, SOEIRO, Teresa, BARROCA, Mário (1995), Estação arqueológica do Castelo de Fraião (Boivão, Valença). *Portvgalia*, Nova Série, vol. 16, Porto, FLUP, pp. 311-322.
- AMORIM, Isabel (1999), *Crasto de Palheiros (Murça), As ocupações da Pré-história e da Proto-história na Plataforma Inferior*. Dissertação de Mestrado, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto (ed. policopiada)
- BARBOSA, Helena (2015), *O contributo do material cerâmico do Crasto de Palheiros para o entendimento de processos de uso e construção do Talude e Plataforma Inferior*. Dissertação de Mestrado, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto (ed. policopiada)
- BARBOSA, Sandra (1999), *O Crasto de Palheiros - Murça. Contributo para o entendimento do fenómeno campaniforme em contexto doméstico no norte de Portugal*, Dissertação de Mestrado, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto (ed. policopiada)
- BELLO-DIÉGUEZ, José Maria, LESTÓN GÓMEZ, Manuel, PRIETO-MARTINEZ, Margarida (2013), The dólmen of Dombate in its bell beaker phase. Ceramic styles and occupation of space, In PRIETO MARTÍNEZ, Margarida, SALANOVA, Laure (Coord. de), *Current researches on Bell Beakers. Proceedings of 15th International Bell Beaker: From Atlantic to Ural: 5th-9th May 2011*, Poio (Pontevedra, Galicia, Spain), Santiago de Compostela (Spain): Copynino, pp. 21-30
- BETTENCOURT *et alli.* (2012), Gravuras rupestres da Bouça da Cova da Moura (Ardegães, Maia, Norte de Portugal) no contexto da Pré-história Recente da bacia do Leça, *Gallaecia*, 31, Universidade de Santiago de Compostela, pp. 47-62
- BETTENCOURT, Ana (1991-92), Achado de um vaso campaniforme na Serra do Maroiço, Fafe. *Cadernos de Arqueologia*, 2.^a série, Braga 89, Universidade do Minho. Unidade de Arqueologia (UAUM), pp. 233-236
- BETTENCOURT, Ana (2009), História do Minho. Do Neolítico à Idade do Bronze, In VVAA, *Minho, Traços de Identidade*, Braga, Universidade do Minho, Unidade de Arqueologia (UAUM), pp. 70-118
- BETTENCOURT, Ana (2010a), Comunidades Pré-históricas da bacia do Leça, In VVAA, *O Rio da Memória: Arqueologia no Território do Leça*, Matosinhos, Câmara Municipal de Matosinhos, Gabinete Municipal de Arqueologia e História, pp. 33-63
- BETTENCOURT, Ana (2010b), Burials, corpses and offerings in the Bronze Age of NW Iberia as agents of social identity and memory, In BETTENCOURT, Ana, SANCHES, Maria de Jesus, ALVES, Lara Bacelar, FÁBREGAS, Ramon (Eds. de), *Conceptualising space and place on the role of agency, memory and identity in the construction of space from the Upper Palaeolithic to the Iron Age in Europe : proceedings of the XV World Congress of the International Union for Prehistoric and Protohistoric Sciences, Lisboa, 2006*, Oxford, Archaeopress, ISBN 978-1-4073-0547-9, pp. 33-45
- BETTENCOURT, Ana (2011), El vaso campaniforme en el norte de Portugal. Contextos, cronologías y significados, In PRIETO MARTÍNEZ, Margarida, SALANOVA, Laure (Coord. de), *Current researches on Bell Beakers. Proceedings of 15th International Bell Beaker: From Atlantic to Ural: 5th-9th May 2011*, Poio (Pontevedra, Galicia, Spain), Santiago de Compostela (Spain): Copynino, pp. 363-374
- BUENO-RAMIREZ, Primitiva, BERMEJO, Rosa Barroso, BEHERMANN, Rodrigo de Balbín (2017), Redefining Ciempozuelos. Bell beaker culture in Toledo?, In GONÇALVES, Vitor (Ed. de), *Sinos e Taças. Junto ao Oceano e Mais Longe. Aspectos da Presença Campaniforme na Península Ibéri-*

- ca, Coleção Estudos e Memórias nº 10, Lisboa, UNIARQ, pp. 252-267
- CARDOSO, João Luis (2014), A presença campaniforme no território português. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 21. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, pp. 295-348.
- CARDOSO, João Luis (2017), O povoamento campaniforme em torno do estuário do Tejo: cronologia, economia e sociedade, In GONÇALVES, Vitor (Ed. de), *Sinos e Taças. Junto ao Oceano e Mais Longe. Aspectos da Presença Campaniforme na Península Ibérica*, Coleção Estudos e Memórias nº 10, Lisboa, UNIARQ, pp. 126-141
- CARNEIRO, A.L, CLETO, J., MOREIRA, M., FARO, S. (1987), Novas mamoaas no concelho de Baião, *Arqueologia*, vol. 15, Porto, GEAP, pp. 158-160
- Castelão. Museu do Côa, online. In: <http://www.arte-coa.pt/index.php?Language=pt&Page=Saberes&SubPage=OcupacaoHumana&Siteo=68>(consultado a 15 de Março de 2018)
- CLARKE, David (1976) The Beaker Network - Social and Economic Models, In LANTING J.N., VAN DER WAALS, J.D. (Eds. de), *Glockenbecher Symposion (Oberried 1974)*, pp. 458-477
- CRUZ, Domingos (1987), A escavação arqueológica da Mamoa de “Monte Maninho” (Serra da Aboboreira – Baião), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 27 (1-4) Porto, SPAE, pp. 65-88
- CRUZ, Domingos (1992), A mamoa 1 de Chã de Carvalhal no contexto arqueológico da Serra da Aboboreira, Coimbra, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra [Conimbriga, Anexos 1]
- CRUZ, Domingos (1995) Cronologia dos monumentos com tumulus do Noroeste peninsular e da Beira Alta, *Estudos Pré-históricos*, 3, Viseu, pp. 81-119
- CRUZ, Domingos (2001), *O Alto Paiva: Megalitismo, Diversidade Tumular e Práticas Rituais Durante a Pré-história Recente*, Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 2 vols. Tese de Doutoramento em História: Pré-história e Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (ed. policopiada)
- DELIBES DE CASTRO, Germán, VAL RECIO, Jesús del (2007-2008), La explotación de la sal al término de la edad del cobre en la Meseta Central española. Fuente de riqueza e instrumento de poder de los jefes Ciempozuelos? *Veleia*, 24-25, pp. 791-811
- DIAS, Maria Isabel, PRUDÊNCIO, Maria Isabel, PRATES, Silvério, GOUVEIA, M. Ângela, VALERA, António Carlos (2000), Tecnologias de produção e proveniência de matéria-prima das cerâmicas campaniformes da Fraga da Pena (Fornos de Algodres - Portugal), In *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, 4 (Pré-História Recente da Península Ibérica)*, Porto, ADECAP, pp. 253-268
- GARCIA SANJUÁN, Leonardo, SCARRE, Chris, WHEATLE, David (2017), The Mega-Site of Valencina de la Concepción (Seville, Spain): Debating Settlement Form, Monumentality and Aggregation in Southern Iberian Copper Age Societies, *Journal of World Prehistory*, Volume 30, Issue 3, pp. 239–25, DOI 10.1007/s10963-017-9107-6
- GARRIDO-PENA, Rafael (1995), El campaniforme en la Meseta Sur: nuevos datos y propuestas teóricas, *Complutum*, 6, 123-151
- GARRIDO-PENA, Rafael (2006), Transegalitarian societies: an ethnoarchaeological model for the analysis of Copper Age Bell Beaker using groups in Central Iberia, In DÍAZ-DEL-RÍO, Pedro, GARCÍA SANJUÁN, Leonardo (ed.), *Social Inequality in Iberian Late Prehistory*. Bar International Series 1525, Oxford, England, Archaeopress, Publishers of British Archaeological Reports, pp. 81-96
- GOMES, Luis Filipe, CARVALHO, Pedro Sobral (1993), Novos elementos sobre o vaso campaniforme

- na Beira Alta, *Estudos Pré-Históricos*, nº 1, Viseu, CEPBA: Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, pp. 29-49
- GUERRA DOCE, Elisa, LETTOW-VORBECK, Corina Liesau (2016) (eds), *Analysis of the Economic Foundations Supporting the Social Supremacy of the Beaker Groups: Proceedings of the XVII UISPP World Congress (1-7 September, Burgos, Spain)*, Vol. 6
- HARRISON, Richard (1977), *The bell beaker cultures of Spain and Portugal*, Peabody Museum of Archaeology and Ethnology, Harvard University
- INÁCIO, Nuno, NOCETE, Francisco, PANDO, Ana Pajuelo, ALDANA, Pedro López, BAYONA, Moisés R. (2017), Producción y consumo de cerámica campaniforme en Valencina de la Concepción (Sevilla, España): una propuesta interpretative desde el análisis de los contextos de la calle Trabajadores, In GONÇALVES, Vitor (Ed. de), *Sinos e Taças. Junto ao Oceano e Mais Longe. Aspectos da Presença Campaniforme na Península Ibérica*, Colecção Estudos e Memórias nº 10, Lisboa, UNIARQ, pp. 288-301
- JORGE, Susana Oliveira (1980), A estação arqueológica do Tapado da Caldeira, Baião. *Portvgalia*, Nova série: 1, Porto, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 29-50
- JORGE, Susana Oliveira (1986), Povoados da Pré-história Recente (IIIº - inícios do IIº Milénios AC) da Região de Chaves - Vª Pª de Aguiar, Porto, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de Doutoramento em Pré-história e Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade do Porto (ed. policopiada)
- JORGE, Susana Oliveira (2002a), Castelo Velho de Freixo de Numão: um recinto monumental pré-histórico do Norte de Portugal, *Estudos Pré-históricos*, 3, pp. 145-164
- JORGE, Susana Oliveira (2002b), Um vaso campaniforme cordado no Norte de Portugal: Castelo Velho de Freixo de Numão (V. N. de Foz Côa), *Revista da Faculdade de Letras*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1, pp. 27-50
- JORGE, Susana RUBINOS, António (2002), Absolute chronology of Castelo Velho de Freixo de Numão (northern Portugal): data and problems, *Jornal of Iberian Archaeology*, vol. 4, pp. 83-105
- JORGE, Vítor Oliveira, BAPTISTA, António Martinho, da SILVA, Eduardo Lopes, JORGE, Susana Oliveira (1997), As Mamoas do Alto da Portela do Pau (Castro Laboreiro, Melgaço), *Trabalhos de 1992 a 1994*, Porto, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia [Textos, n.º 2]
- LETTOW-VORBECK, Corina Liesau, RÍOS, Patricia, ALIAGA, R., DAZA Arantxa, BLASCO, Concepción, LLORENTE-RODRIGUEZ, Laura (2013), Hut structures from the bell beaker horizon: housing, communal or funerary use in the Camino de las Yeseras site (Madrid), In PRIETO MARTÍNEZ, Margarida, SALANOVA, Laure (Coord. de), *Current researches on Bell Beakers. Proceedings of 15th International Bell Beaker: From Atlantic to Ural: 5th-9th May 2011, Poio (Pontevedra, Galicia, Spain)*, Santiago de Compostela (Spain): Copynino, pp.139-152
- MCFADYEN, Lesley (2016), Actions in time: after the breakage of pottery and before the construction of walls at the site of Castelo Velho, *Estudos do Quaternario*, 15, APEQ: Associação Portuguesa para o Estudo do Quaternário, pp. 71-90
- MORÁN, Elena (2017), O campaniforme de Alcalar no contexto do extremo sul, In GONÇALVES, Vitor (Ed. de), *Sinos e Taças. Junto ao Oceano e Mais Longe. Aspectos da Presença Campaniforme na Península Ibérica*, Colecção Estudos e Memórias nº 10, Lisboa, UNIARQ, pp. 28-37
- NUNES, Susana (2003), *Monumentos sob tumulus e meio físico no território entre o Corgo e o Tua (Trás-os-Montes): aproximação à questão*, Porto, FLUP. Dissertação de Mestrado apresentada

à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2 vols (ed. policopiada)

- OLALDE, Iñigo, *et alii* (2018), The Beaker phenomenon and the genomic transformation of north-west Europe, *Nature*, vol. 555, doi:10.1038/nature25738, pp. 190–196
- PRIETO MARTÍNEZ, M. Pilar (2011), La alfarería de las comunidades campaniformes en Galicia: contextos, cronologías y estilo”, In PRIETO MARTÍNEZ, Margarida, SALANOVA, Laure (coords.), *Las Comunidades Campaniformes en Galicia. Cambios sociales en el III y II milenios BC en el NW de la Península Ibérica*, Pontevedra, Diputación de Pontevedra, pp. 345-361
- PRIETO MARTÍNEZ, M. Pilar (2013), *Unity and Circulation: what underlies the homogeneity in Galician bell beaker ceramic style? Proceedings of 15th International Bell Beaker: From Atlantic to Ural: 5th-9th May 2011, (Poio. Pontevedra)*, Santiago de Compostela, Galicia, Spain
- PRIETO MARTÍNEZ, M. Pilar, MARTÍNEZ CORTIZAS, Antonio, LANTES-SUARÉZ, Oscar, GUIMAREY, Beatriz (2015), Bell Beaker pottery from Galicia (NW Spain): an archaeometric characterization and provenance study of some representative sites, *CuPAUAM* 41, pp. 109-125
- REBUGE (2004), Uma proposta para reconceptualizar a materialidade arqueológica: o Campaniforme no Norte de Portugal e regiões contíguas. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 44 (1-2), Porto, SPAE- Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, pp. 111-186
- RE, P.J, *et alii* (2013) *IntCal13 and MARINE13 radiocarbon age calibration curves 0-50000 years cal BP*, *Radiocarbon*, 55 (4). DOI: 10.2458/azu_js_rc.55.16947
- RÍOS, Patricia (2013), New dating of the Bell Beaker Horizon in the region of Madrid, In PRIETO MARTÍNEZ, Margarida, SALANOVA, Laure (Coord. de), *Current researches on Bell Beakers. Proceedings of 15th International Bell Beaker: From Atlantic to Ural: 5th-9th May 2011, Poio (Pontevedra, Galicia, Spain), Santiago de Compostela (Spain): Copynino*, pp. 97-109.
- SALANOVA, Laure, PRIETO-MARTÍNEZ, M. Pilar, CLOP-GARCÍA, Xavier, CONVERTINI, Fabien, LANTES-SUARÉZ, Oscar, MARTÍNEZ-CORTIZAS, Antonio (2016), What are large-scale archaeometric programmes for?: Bell Beaker pottery and societies from the 3rd millennium BC in Western Europe, *Archaeometry*, 58 (5), University of Oxford, pp. 722-735
- SAMPAIO, Hugo Aluai, BETTENCOURT, Ana, ALVES, Maria Isabel (2009), O Monte da Penha, Guimarães, como cenário de acções de incorporação e de comemoração do espaço na Pré-história da bacia do Ave, In BETTENCOURT Ana, ALVES, Lara Bacelar (eds.), *Dos montes, das pedras e das águas. Formas de interacção com o espaço natural da pré-história à actualidade*, CITCEM, APEQ, pp. 55-76
- SAMPAIO, Hugo Aluai, MACIEL, Tarcísio, BETTENCOURT, Ana, SIMÕES, Pedro (2013), A mamoa do Carreiro da Quinta, Lage, Vila Verde, NO de Portugal: resultados de uma escavação de emergência, *Conímbriga: Revista de Arqueologia*. Vol. 52, Coimbra, Universidade de Coimbra. Instituto de Arqueologia., pp. 37-65
- SANCHES, M. J. (2002), Spaces for social representation, choreographic spaces and paths in the Serra de Passos and surrounding lowlands (Trás-os-Montes, northern Portugal) in late prehistory, *ARKEOS*, 12, CEIPHAR, pp. 65-105.
- SANCHES, M. J. (2003), Sobre a ocupação do Neolítico inicial do Norte de Portugal, In GONÇALVES, Vítor S. (ed.) *Muita Gente, Poucas Antas? Origens, Espaços e Contextos do Megalitismo*, Actas do IIº Colóquio Internacional sobre Megalitismo, *Trabalhos de Arqueologia*, 25, IPA, pp.155-179
- SANCHES, M.J. (2010), As estelas antropomórficas de Picote-Miranda do Douro (Trás-os-Montes). *IV Jornadas Raianas “Estelas e Estátuas-menires da Pré à Proto-história”*, In VILAÇA, Raquel, (Coord.), C.M. Sabugal, CEAUCP e Instituto de Arqueologia do DHAA da FLUC. Sabugal,

pp.145-174

- SANCHES, Maria de Jesus (1992), *Pré-História recente no Planalto Mirandês*, [Monografias Arqueológicas, n.º 3], Porto, GEAP- Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto
- SANCHES, Maria de Jesus (1997), *Pré-História Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro*, 2 vols., [Textos, nº 1], Porto, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1997
- SANCHES, Maria de Jesus (2003), Sobre a ocupação do Neolítico inicial do Norte de Portugal, In GONÇALVES, Vítor S. (ed.) *Muita Gente, Poucas Antas? Origens, Espaços e Contextos do Megalitismo. Trabalhos de Arqueologia*, 25, IPA, pp. 155-179
- SANCHES, Maria de Jesus (2016), Animal bones, seeds and fruits recovered from Crasto de Palheiros. A contribution to the study of diet and commensality in the recent Pre-History and Iron Age of Northern Portugal”, In VILAÇA, Raquel, SERRA, Miguel, (eds.), *To feed the body, to nourish the soul, to create sociability. Food and commensality in pre and protohistoric societies*, CEPBA, IAFLUC, Palimpsesto, pp. 79-119
- SANCHES, Maria de Jesus (2018) (in press), Os primeiros habitantes do território bragançano: Pré-história e Proto-história [de c. de 30 000 AC à viragem da Era], In SOUSA, Fernando (ed.), *Bragança. Desde as origens à revolução liberal de 1820*, Bragança. CEPESE and Município de Bragança
- SANCHES, Maria de Jesus (ed.) (2008), *O Crasto de Palheiros (Fragada do Crasto), Murça-Portugal*, Murça, Município de Murça
- SANCHES, Maria de Jesus, BARBOSA, Maria Helena (2018, no prelo), “Campaniforme:chronology, pottery and context of a long term phenomenon in the Portuguese Douro Basin”, *Journal of Neolithic Archaeology*, Institute of Pre- and Protohistoric Archaeology, Kiel University, Kiel
- SANCHES, Maria de Jesus, BARBOSA, Maria Helena, VIEIRA, Alexandra (2017), Bell beaker contexts in Northern Portugal, In GONÇALVES, Vítor (Ed. de), *Sinos e Taças. Junto ao Oceano e Mais Longe. Aspectos da Presença Campaniforme na Península Ibérica*, Coleção Estudos e Memórias nº 10, Lisboa, UNIARQ, pp. 226-245
- SANCHES, Maria de Jesus, PINTO, Dulcineia (2008), O Faseamento em I, II e III: algumas palavras, In SANCHES, Maria de Jesus (ed.) (2008), *O Crasto de Palheiros (Fragada do Crasto), Murça-Portugal*, Murça, Município de Murça
- SENNA-MARTINEZ, João Carlos, PEDRO, Ivone (eds.) (2000), *Por Terras de Viriato: Arqueologia da Região de Viseu*, Viseu, Governo Civil do Distrito de Viseu e Museu Nacional de Arqueologia
- SEOANE-VEIGA, Yolanda, PRIETO-MARTÍNEZ, M. Pilar, DAL ZOVO, Cecilia (2013), Bell beaker findings in rock art contexts, In PRIETO MARTÍNEZ, Margarida, SALANOVA, Laure (Coord. de), *Current researches on Bell Beakers. Proceedings of 15th International Bell Beaker: From Atlantic to Ural: 5th-9th May 2011, Poio (Pontevedra, Galicia, Spain), Santiago de Compostela (Spain): Copynino*, pp. 31-39
- SILVA, Eduardo Lopes (2003), Novos dados sobre o Megalitismo do Norte de Portugal, In *Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo*, Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia [Trabalhos de Arqueologia; 25], pp. 269-279
- SUAREZ-OTERO, Jose (2011), Del campaniforme cordado (AOC) en el Noroeste hispánico. Un extraño e inesperado invitado, In PRIETO MARTÍNEZ, Margarida, SALANOVA, Laure (coords.), *Las Comunidades Campaniformes en Galicia. Cambios sociales en el III y II milenios BC en el NW de la Península Ibérica*, Pontevedra, Diputación de Pontevedra, pp. 259-265

- SZÉCSÉNYI-NAGY, Anna, *et alii* (2017), The maternal genetic make-up of the Iberian Peninsula between the Neolithic and the Early Bronze Age, *Scientific Report*, 7, pp. 1-15.
- Tambores. Museu do Côa, online: <http://www.arte-coa.pt/index.php?Language=pt&Page=Saberes&SubPage=OcupacaoHumana&Sito=64> (consultado a 15 de Março de 2018)
- TEIXEIRA, Joana Castro (2017), O Tempo longo da Pré-história: Algumas incursões nos modos de povoamento e atuação social, In CARVALHO, Pedro C., GOMES, Luís F.C. & MARQUES, João N. (coord.), *EHEVT-Estudo Histórico e Etnológico do Vale do Tua (Concelhos de Alijó, Carrazeda de Ansiães, Mirandela, Murça e Vila Flor)*, vol.I, Aproveitamento Hidroelétrico de Foz Tua, EDP S.A., Edições Afrontamento, Lda, Porto, pp.46-168.
- VALERA António C. (2000), O fenómeno campaniforme no interior centro de Portugal: o contexto da Fraga da Pena. Pré-História Recente na Península Ibérica, In JORGE, Vítor Oliveira (coord.), *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, UTAD, Vila Real, Portugal, setembro de 1999, Vol. 4, 2000 (Pré-história recente da Península Ibérica), Porto, ADECAP- Associação para o Desenvolvimento e Cooperação em Arqueologia Peninsular, pp. 269-290
- VALERA António C. (2007), *Dinâmicas Locais de Identidade. Estruturação de um espaço de tradição no 3º milénio AC (Fornos de Algodres, Guarda)*, Fornos de Algodres, Município de Fornos de Algodres
- VALERA, António C. (2017), Beakers in Central Portugal: social roles, confluences and strange absences, In GONÇALVES, Vitor (Ed. de), *Sinos e Taças. Junto ao Oceano e Mais Longe. Aspectos da Presença Campaniforme na Península Ibérica*, Coleção Estudos e Memórias nº 10, Lisboa, UNIARQ, pp. 214-229
- VALERA, António C., ANTUNES, Sérgio (2000), A Mamoia 2 do Leandro (Maia, Porto). Intervenção de minimização no âmbito do alargamento da A3. *Apontamentos de Arqueologia e Património*, vol. 3, Lisboa, NIA, pp. 7-17
- VALERA, António C., BASÍLIO, Catarina (2017), Approaching Bell Beakers at Perdigões enclosures (South Portugal): site, local and regional scales, In GONÇALVES, Vitor (Ed. de), *Sinos e Taças. Junto ao Oceano e Mais Longe. Aspectos da Presença Campaniforme na Península Ibérica*, Coleção Estudos e Memórias nº 10, Lisboa, UNIARQ, pp. 82-97

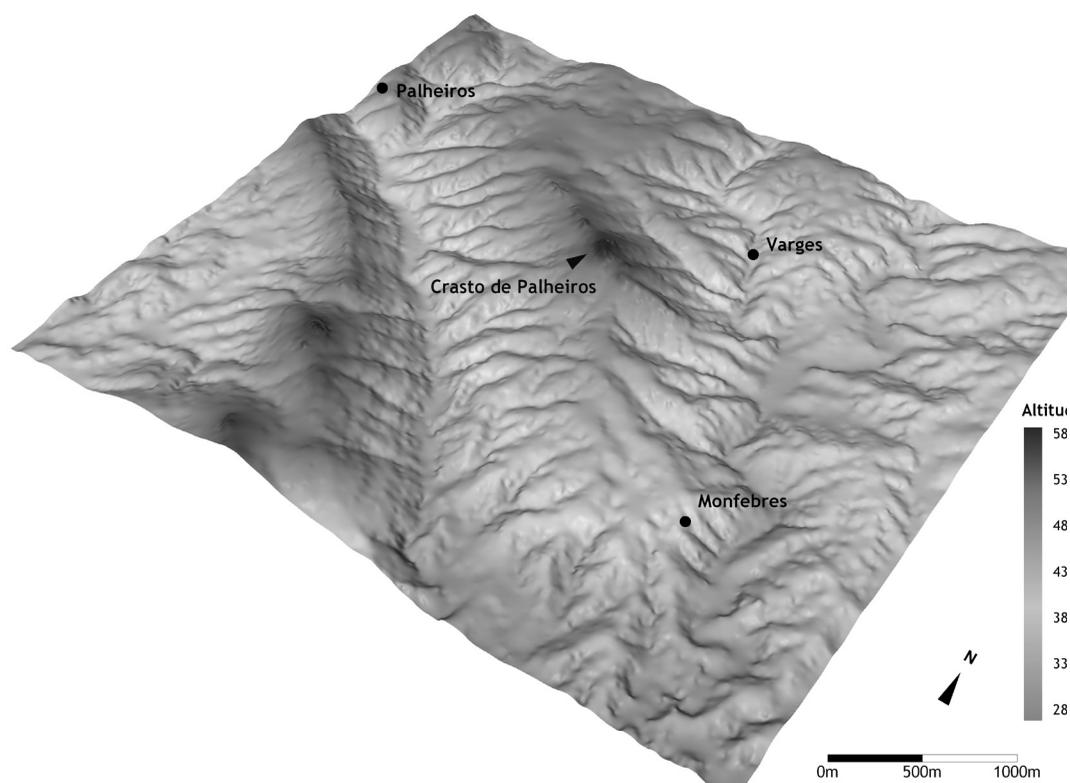


Fig. 1: Modelo digital do terreno da área envolvente do Crasto de Palheiros (com base na CMP, 1:25:000, folhas 89 e 90) (seg. Joana Teixeira).

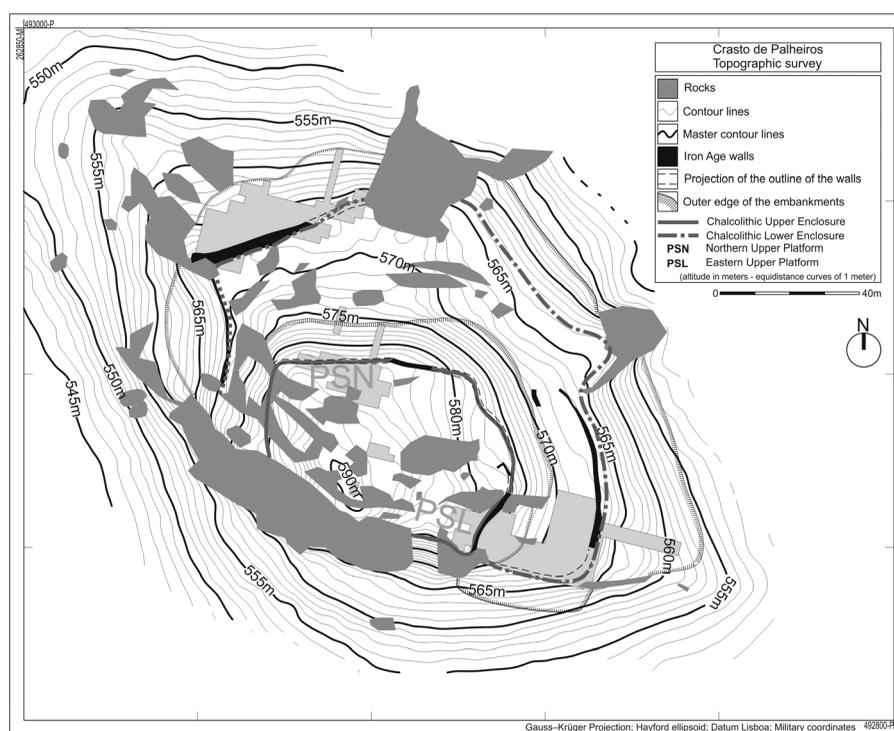


Fig. 2: Levantamento topográfico do Crasto de Palheiros, abrangendo somente a parte superior da crista, com possantes estruturas arquitectónicas. Estão marcados os Recintos Superior e Inferior e o contorno exterior dos taludes. Identificam-se ainda as áreas que são objecto específico deste texto: PSL (Plataforma Superior Leste) e PSN (Plataforma Superior Norte).



Fig. 3: Crasto de Palheiros visto de Leste. Destaca-se a imponente escarpa (à esquerda) e os Recintos Superior (no topo) e Inferior, na parte média, ambos definidos por potentes e inclinados taludes. A Plataforma Superior Norte situa-se na área superior direita (à direita das azinheiras), e a Plataforma Superior Leste, já no extremo esquerdo, define-se entre afloramentos e a escarpa sul. Os “caminhos / acessos” marcados sobre os taludes são escadas de circulação para os visitantes. (Foto Rafael Morais)



Fig. 4: Crasto de Palheiros visto de Noroeste. Destaca-se a majestosa escarpa (à direita) e os Recintos Superior (no topo) e Inferior, na parte média, ambos definidos por potentes e inclinados taludes. Sobressai ainda a componente rochosa, agressiva, de toda a estação. A Plataforma Superior Norte situa-se na área superior, em torno das azinheiras. Existem vestígios arqueológicos (em estratigrafia original) em toda a área captada pela foto



Fig. 5: Aspecto do Recinto Superior, visto do Recinto Inferior, num momento (em Julho de 2017) de transporte de pedra, de mão em mão, para restauro arquitectónico da área escavada. De notar o elevado desnível entre ambos os Recintos, a inclinação acentuada do Talude (medida pela posição das pessoas), e a sua marcante componente rochosa. A muralha à esquerda (restaurada) data da Idade do Ferro. Em cima, uma equipa procede ao desenho das estruturas da Plataforma Superior Norte.



Fig. 6: Plataforma da área norte do Recinto Superior num momento da sua escavação em 2004. Em primeiro plano a Estrutura Pétrea 2 (EP2) encostada ao afloramento, ao centro e, de cada um dos lados, estruturas / áreas de combustão, tudo prégio à condenação terminal. Em segundo, o Empedrado circundante e definidor da plataforma, sendo de destacar o exíguo espaço ocupado por estas estruturas “habitacionais”. A data de C14 provém de uma amostra do topo da estrutura / área de combustão situada do lado esquerdo.

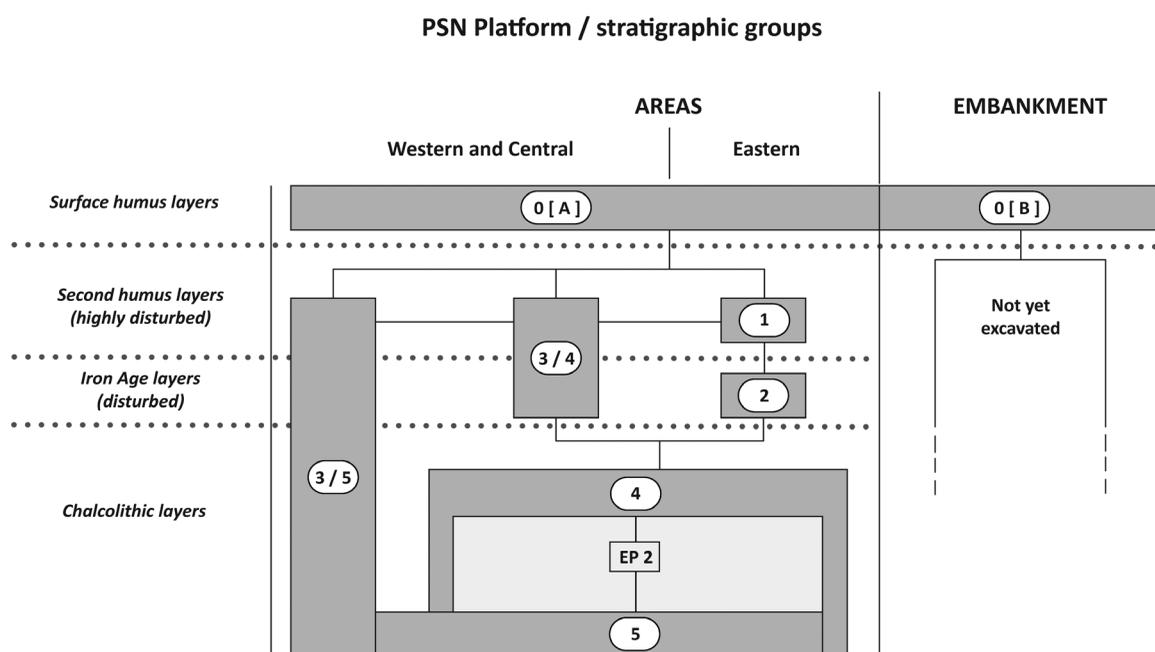


Fig. 9: Representação dos grupos estratigráficos (GE) da Plataforma Norte (PSN) do Recinto Superior. Ver explicação em texto pois deve este ser comparado com a estratigrafia expressa no corte 1 (Figuras 8 e 9).

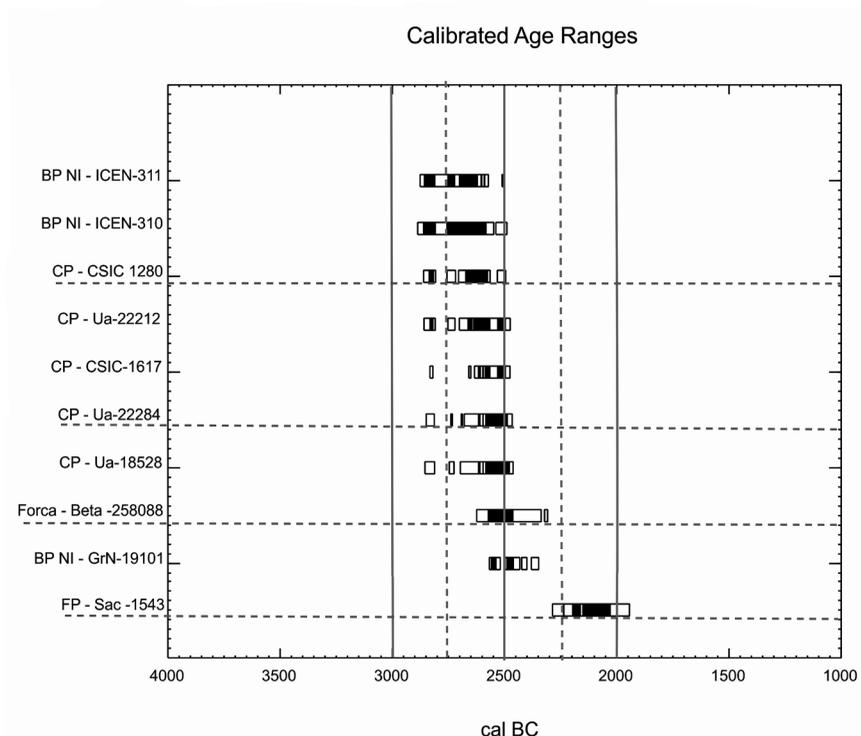


Fig. 10: Representação das datas absolutas (calibradas a 2 σ) do norte de Portugal e bacia do Douro. BP - Buraco da Pala; CP - Crasto de Palheiros; CA - Castelo de Aguiar; FP - Fraga da Pena. As linhas tracejadas horizontais marcam as amostras estritamente relacionadas com cerâmica campaniforme clássica. No Crasto de Palheiros todas as datas se relacionam com cerâmica campaniforme, nas suas versões clássica e imitações, e o mesmo acontece na Fraga da Pena.

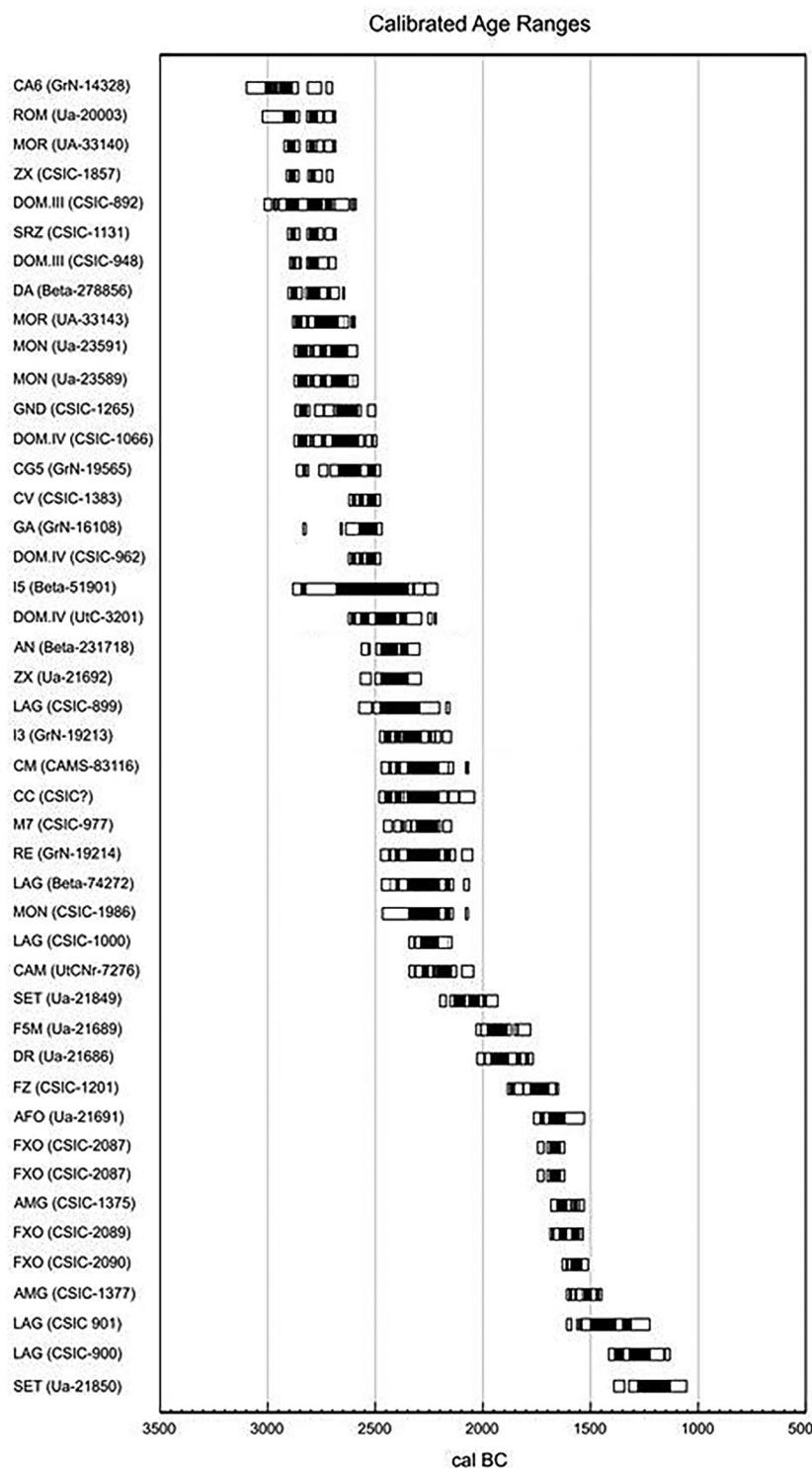
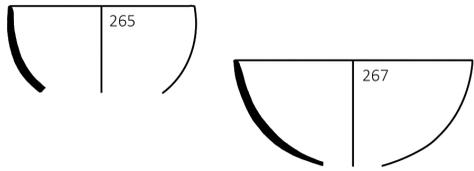
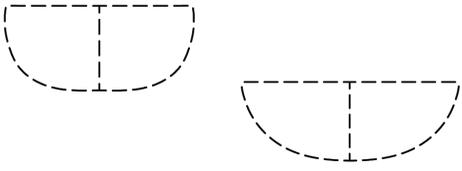
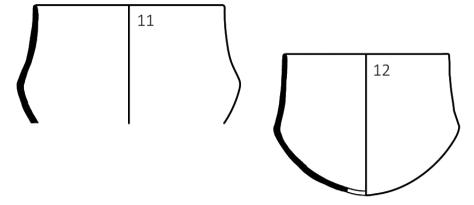
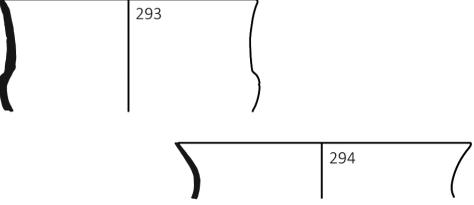
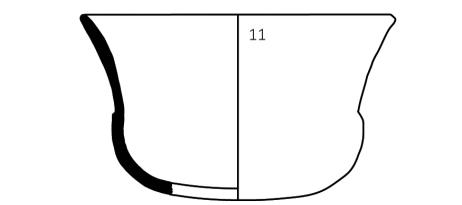
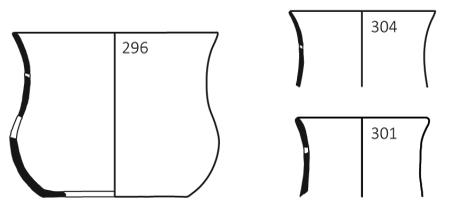
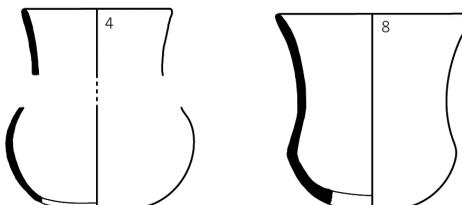
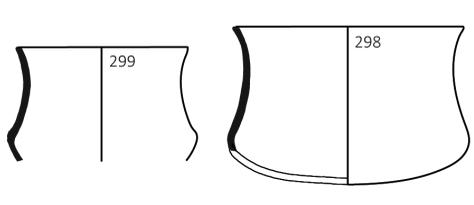
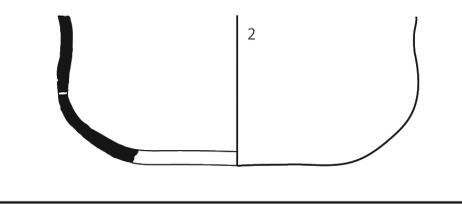


Fig. 11: Representação das datas absolutas (calibradas a 2 σ) da Galiza. CC - Chan de Coiro; GND - A Gándara; LAG - A Lagoa; CV - Cartas de Vilar 4; LAV - Lavapés; FX - O Fixón; FXO - O Fuxiño; REB - Reborica; SET - Setepias; ZX - Zarra de Xoacín; MON - Montenegro; DA - A Devesa de Abaixo; GA - Guidoiro Areoso; MOR - Monte de Os Remedios; SRZ - Saídos das Rozas; DR - Devesa do Rei; AFO - A Forxa; NA - Agro de Nogueira; AMG - A Madorra da Granxa; DOM.III - Dombate - Fase III; DOM.IV - Dombate - Fase IV; CAM - A Cameixa; FZ - Fraga do Zorro; ROM - A Romea; CA6 - Campiños 6; CM - Coto dos Mouros; CG5 - Cotogrande 5; F5M - Forno 5 dos Mouros; I3 - Illade 3; I5 - Illade 5; M7 - Mourela 7; RE - Reboredo 1 (Seg. Prieto-Martínez, M.P., 2011:359-361).

	PSL	PSN
3/4		
8		
9		
10		
11		
12		

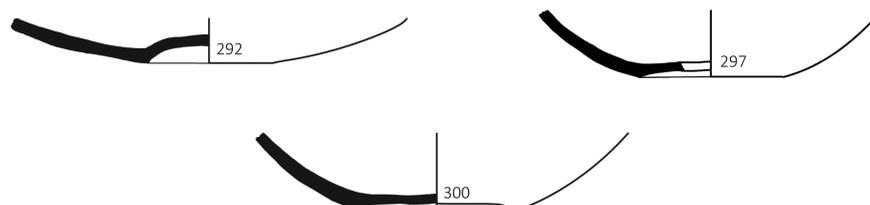


Fig. 12: Quadro de formas campaniformes do Crasto de Palheiros.

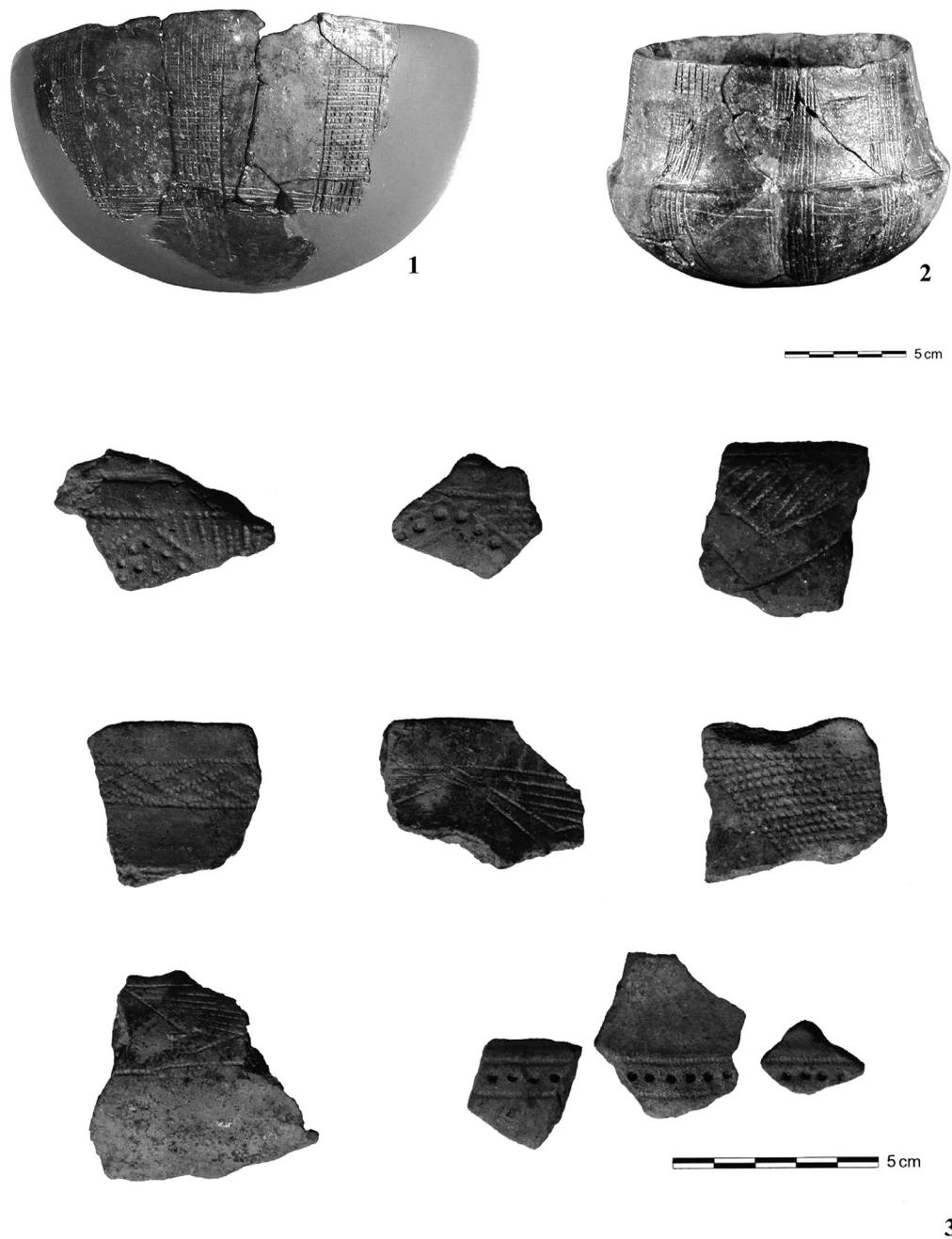


Fig. 13: Cerâmica campaniforme do Crasto de Palheiros . 1 e 2 - recipientes da decoração [I1a]; 3 - fragmentos campaniformes “clássicos”. Destaca-se a organização decorativa [XXV8], presente nos dois primeiros fragmentos da fila superior e no fragmento do canto inferior direito. A decoração do fragmento do canto superior direito tem preenchimento a pasta branca.

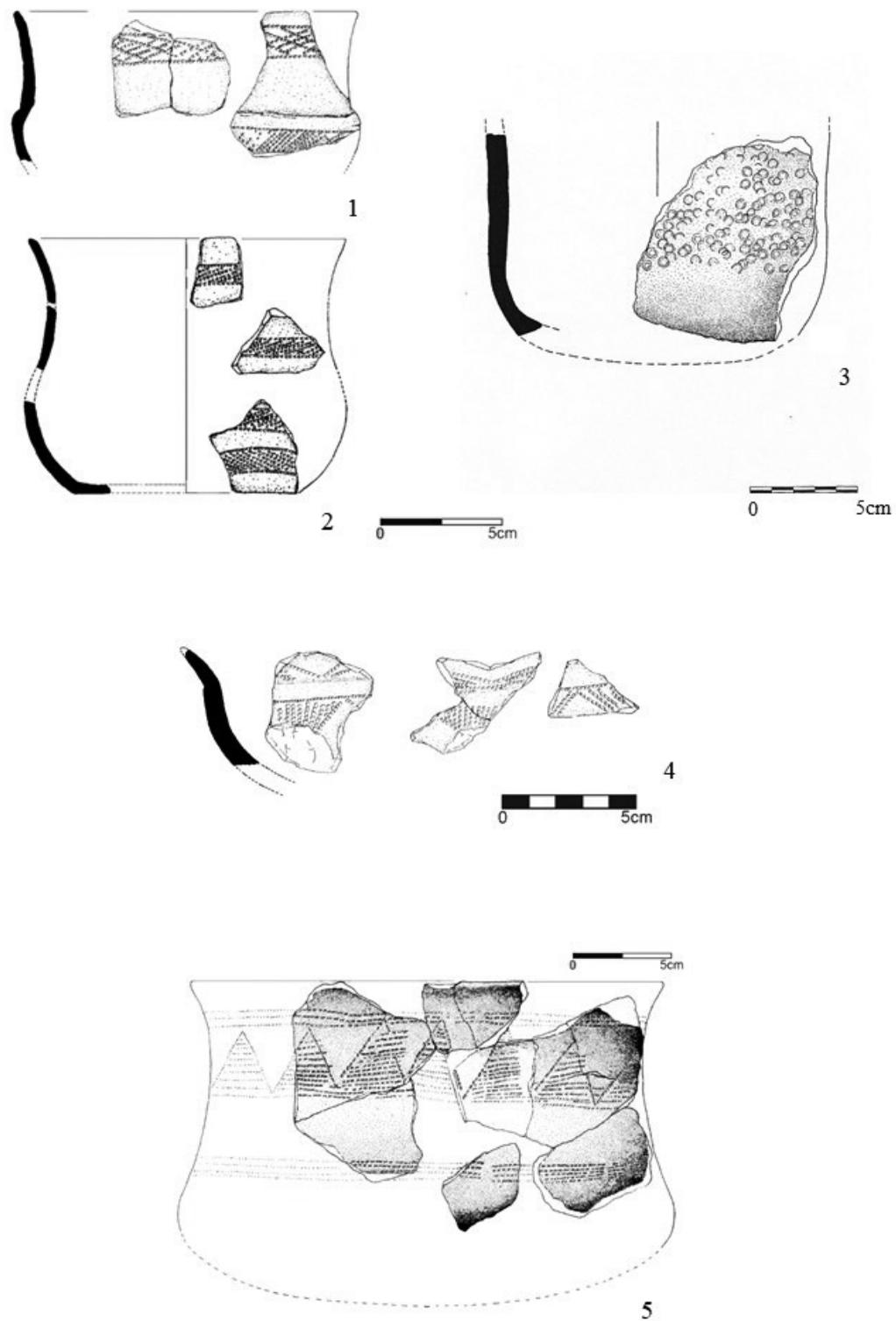


Fig. 14: Recipientes cerâmicos da Plataforma Superior Leste do Crasto de Palheiros (adaptado de Barbosa, S., 1999).

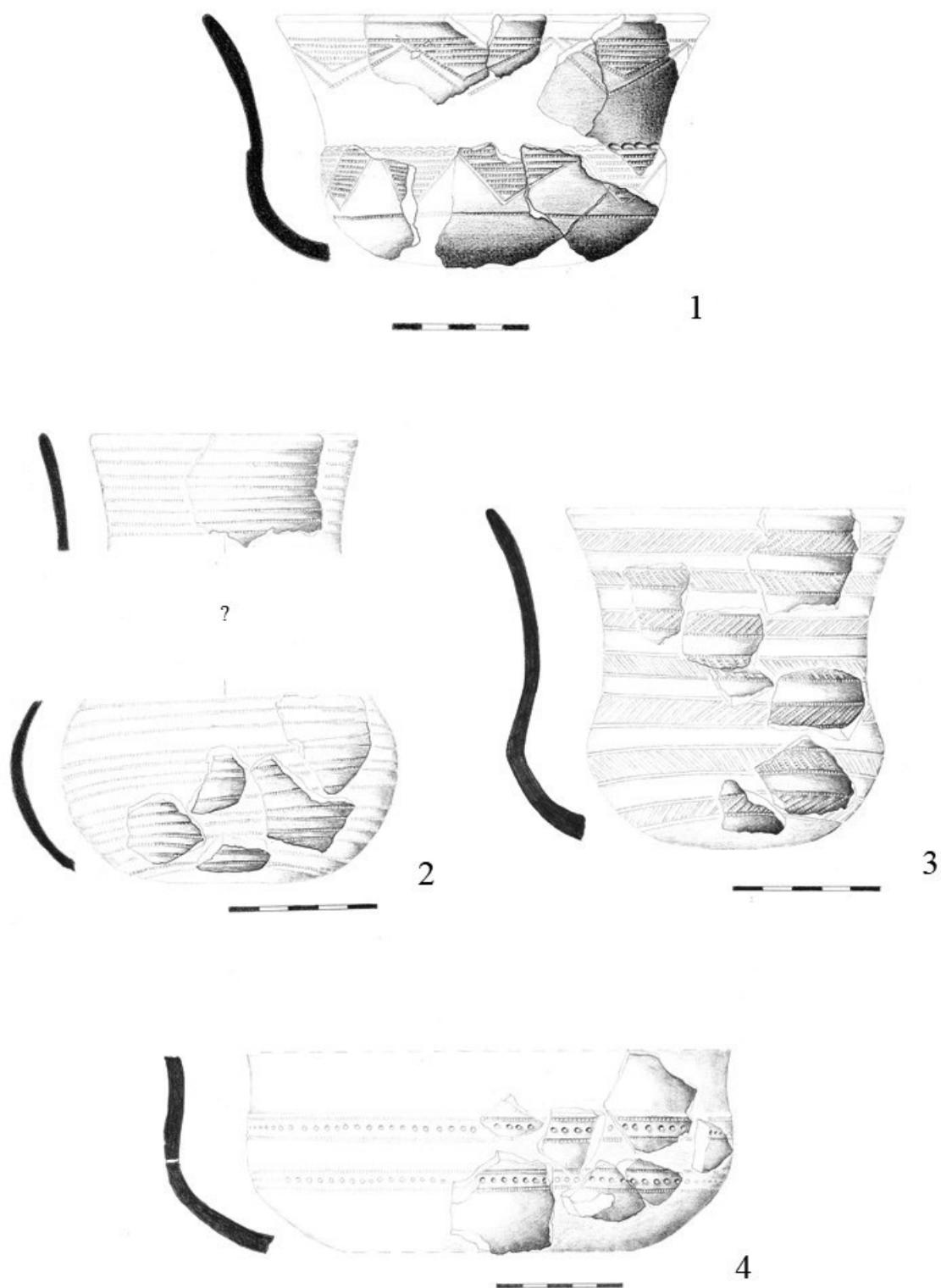


Fig. 15: Recipientes cerâmicos da Plataforma Superior Norte do Crasto de Palheiros (desenhos de Dulcineia Pinto).

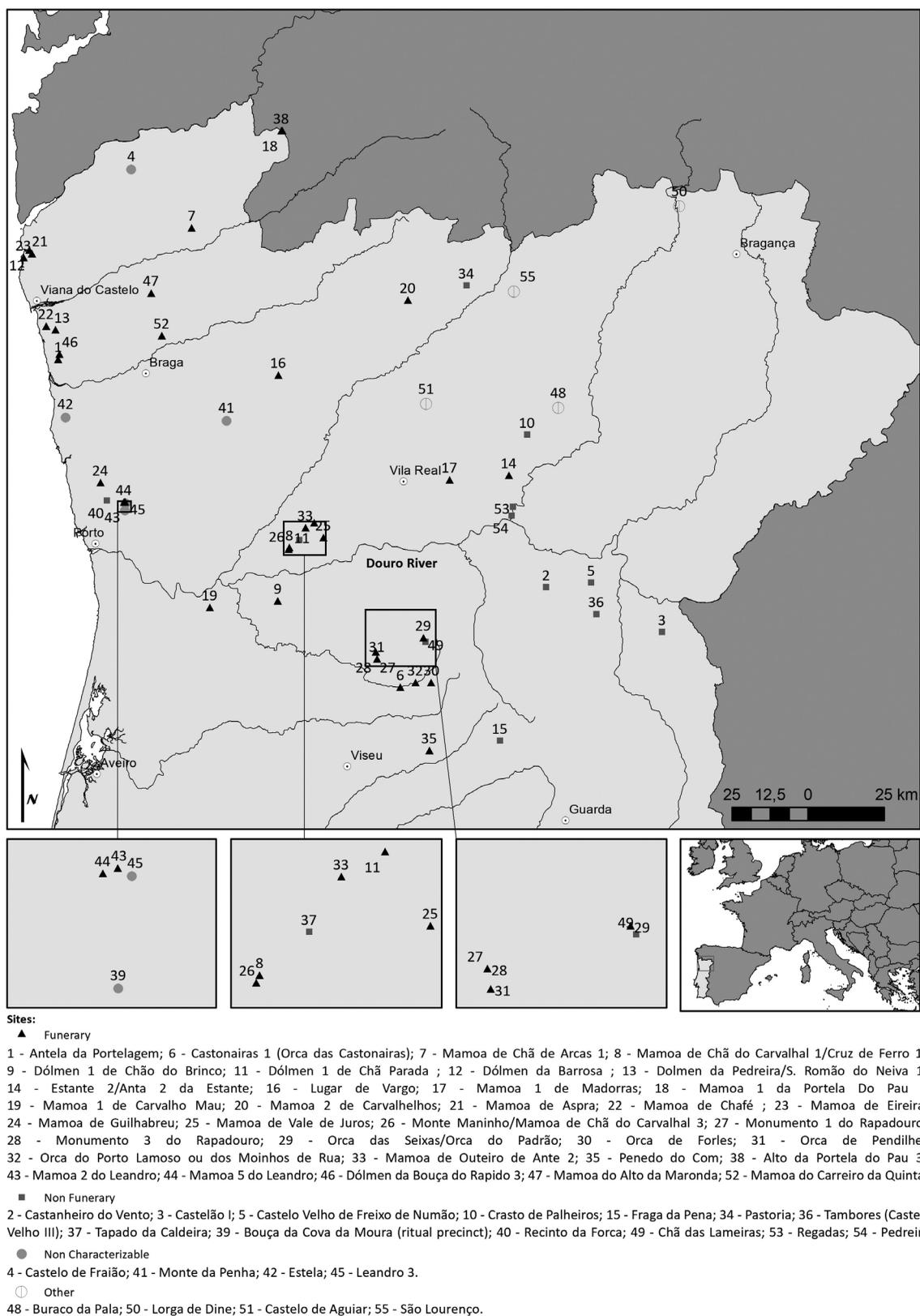


Fig. 16: Mapa dos contextos com cerâmicas campaniformes no norte de Portugal e bacia do Douro.

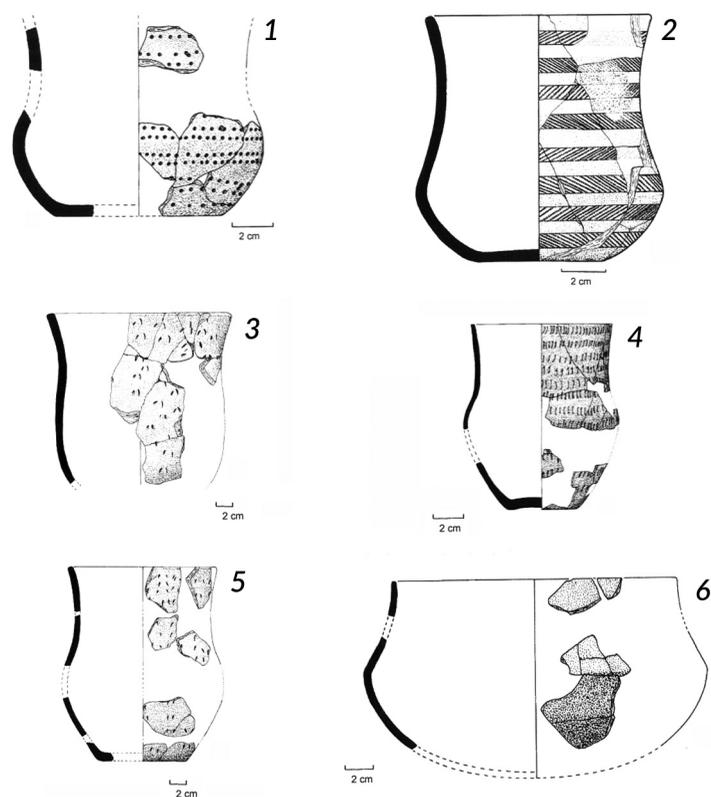


Fig. 17: Recipientes cerâmicos da Fraga da Pena (adaptado de Valera, A.C. 2007, Fig. 5-24, 5-25, 5-26).

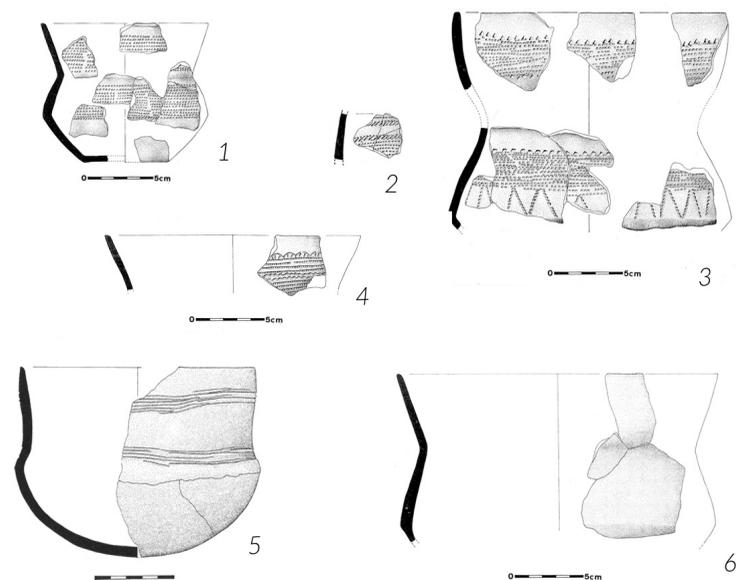


Fig. 18: Recipientes cerâmicos campaniformes da Pastoria (baseado em Jorge, S.O., 1986).

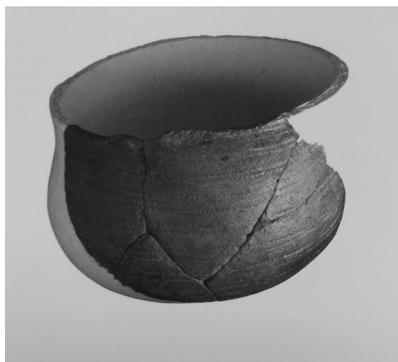


Fig. 19: Vaso da Mamoa de Guilhabreu (retirado de Bettencourt, A., 2010a). [Esta imagem, de baixa resolução, deve ser bastante reduzida]

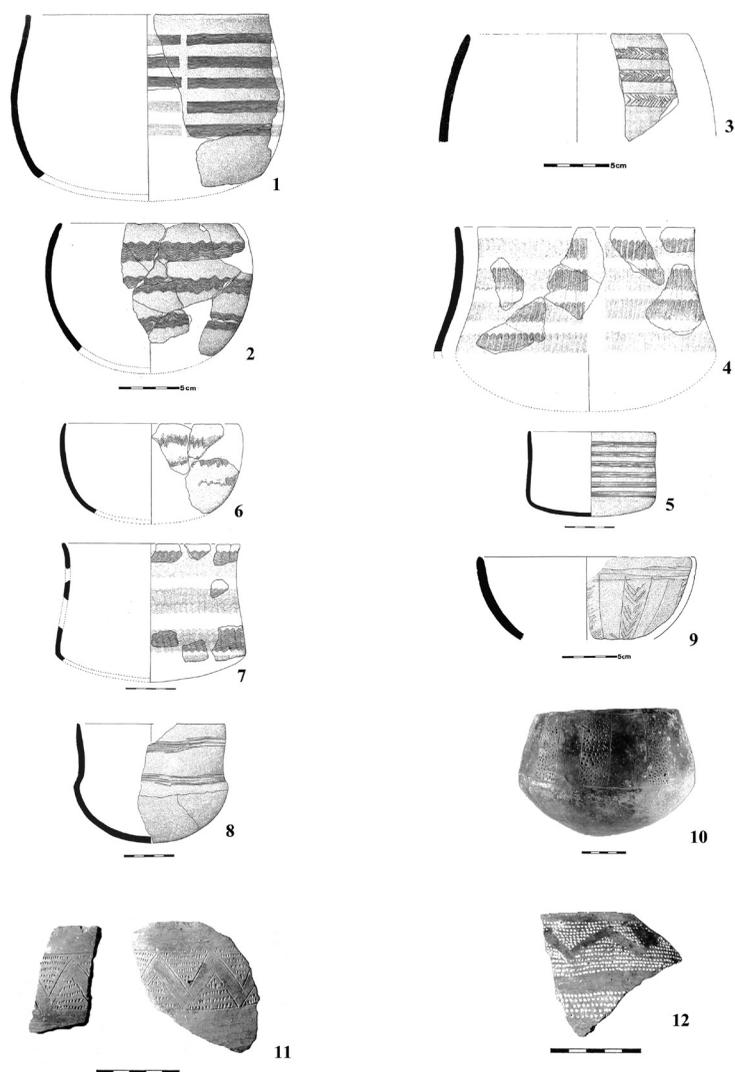
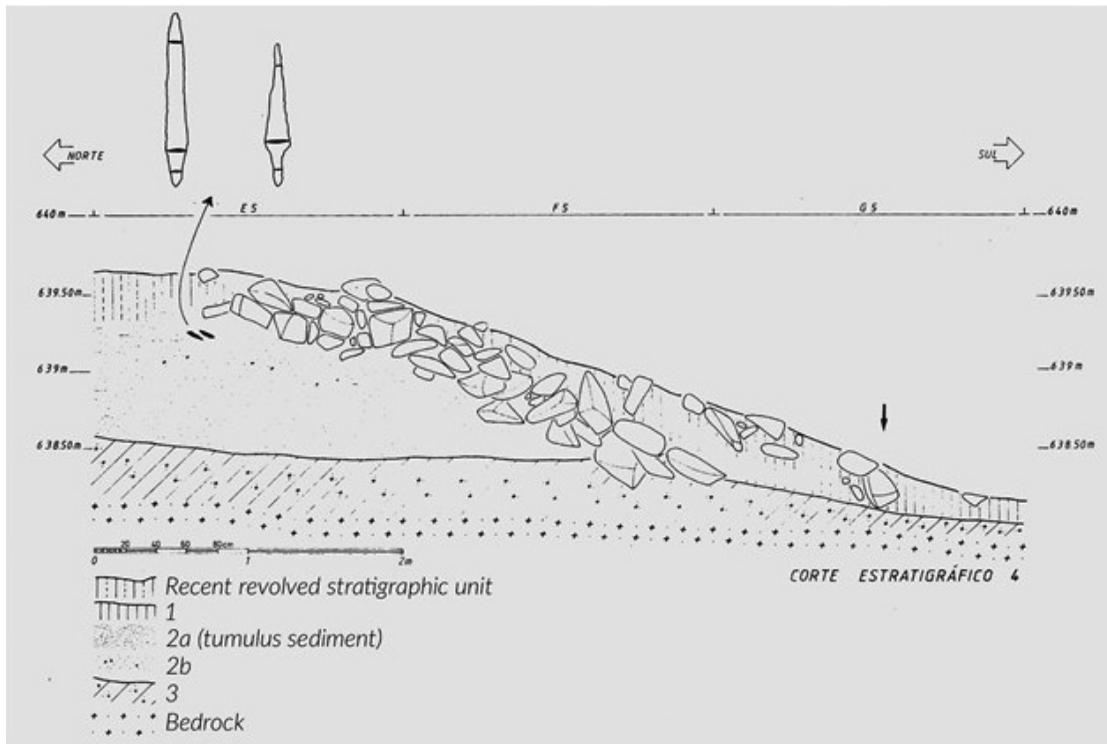
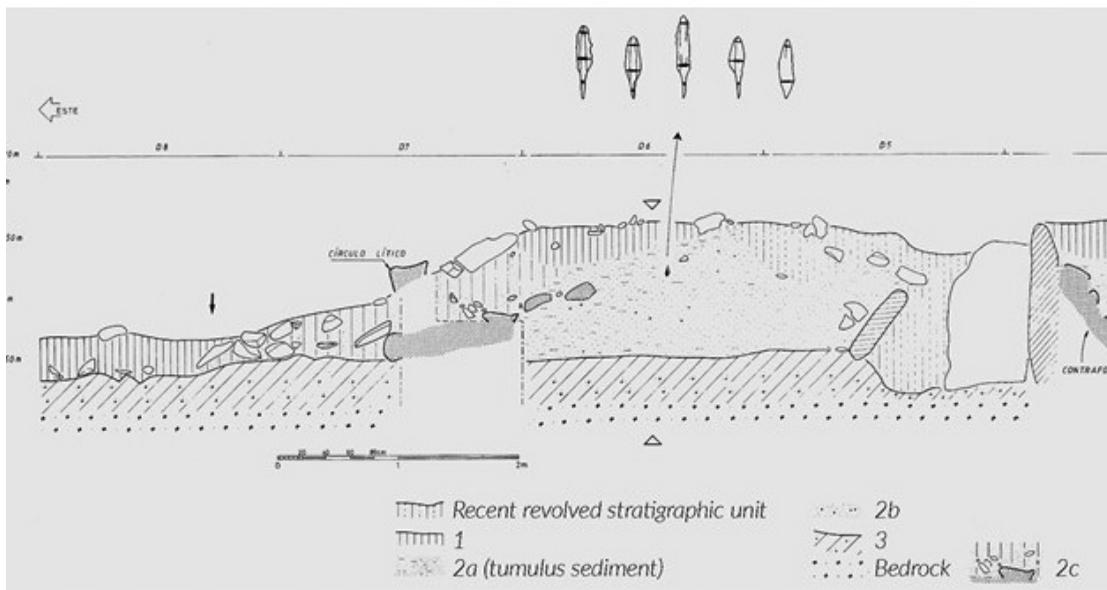


Fig. 20: Recipientes cerâmicos de Pastoria, Buraco da Pala e Lorga de Dine. Destaca-se o fragmento número 12, da Lorga de Dine, com incrustações de pasta branca (baseado em Jorge, S.O. 1986, Sanches, M.J. & Barbosa, 2018, no prelo).



1



2

Fig. 21: Mamoia 1 de Chã de Carvalho (serra da Aboboreira), tendo representado, em ambos os cortes, a localização estratigráfica do depósito de punhais e de pontas de Palmela (seg. Cruz, D., 1992; Fig. 11 e 14).